

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

DANIEL SOUZA PIKMAN

UM CURTO CIRCUITO 'É' UM CURTO CIRCUITO

Um breve estudo teórico da psicanálise e da crítica ideológica na obra de Slavoj Žižek

São Paulo – SP

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

DANIEL SOUZA PIKMAN

UM CURTO CIRCUITO 'É' UM CURTO CIRCUITO

Um breve estudo teórico da psicanálise e da crítica ideológica na obra de Slavoj Žižek

Trabalho de conclusão de curso entregue como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Sergio Wajman.

São Paulo - SP

2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a minha mãe, Maria Eugênia de Paiva Souza Pikman, que me acompanhou e me apoiou mais do que qualquer outra pessoa no decorrer da realização do presente trabalho. Agradeço ao meu orientador, Sergio Wajman, pela orientação e confiança que depositou em mim, me providenciando certa liberdade para escrever e conduzir o trabalho da maneira que considerei mais benéfica. Agradeço meus amigos Matheus Nery Cequeira Nunes, Marcelo Roubicek, Catarina Pasta Aydar e minha irmã Marina Souza Pikman. Todos estes, em algum ponto, leram e comentaram pelo menos parte deste trabalho, influenciando a maneira como ele se encontra aqui. Gostaria de agradecer especialmente meu amigo, João Mauad Seckler, que me apresentou o trabalho do autor no qual se baseia este breve estudo. Por fim, agradeço a todos que me apoiaram no decorrer da realização deste trabalho e ao longo dos anos, apesar de me conhecerem.

UM CURTO-CIRCUITO 'É' UM CURTO-CIRCUITO: Um breve estudo teórico da psicanálise e da crítica ideológica na obra de Slavoj Žižek.

CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1- PSICOLOGIA

ORIENTANDO: **DANIEL SOUZA PIKMAN**

ORIENTADOR: **SERGIO WAJMAN**

RESUMO

Esta tese foi realizada como um estudo teórico-bibliográfico da obra do filósofo e pensador Slavoj Žižek e teve como foco a compreensão do uso que o autor faz de diferentes concepções e elementos da psicanálise lacaniana em sua formulação do conceito de Ideologia. Ela é composta da revisão e exposição de diferentes textos do autor junto com textos psicanalíticos tanto de Lacan como de Freud considerados pertinentes para a discussão levantada, ou seja, o método predominante foi a revisão bibliográfica. Ela teve como objetivo promover uma discussão teórica do conceito de Ideologia e a forma como este pode ser relacionado com diferentes concepções psicanalíticas ao mesmo tempo que pode auxiliar a compreender estes sob uma nova luz. Foram trabalhadas aqui a visão do autor sobre o problema teórico que constitui o conceito de ideologia e a saída que o mesmo atribui para este problema através de conceitos criados por Lacan. Esta saída, na forma como foi abordada neste estudo, se concentra principalmente no entendimento que o autor faz da formulação lacaniana do sujeito e sua alienação no grande Outro, da caracterização do inconsciente segundo uma distorção formal e da concepção lacaniana do Real em oposição à realidade objetiva.

Palavras chave: Slavoj Žižek , Lacan, Freud, Marx e Ideologia

SUMÁRIO

1. Introdução	5
Método.....	9
2. Discussão: Ideologia	
O problema da ideologia.....	10
Por quê Marx inventou o sintoma, segundo Žižek?.....	15
O sujeito e o Outro.....	20
O objeto sublime da ideologia e o sintoma.....	25
3. Discussão: O real	
Negação.....	32
O Virtual da realidade.....	38
4. Considerações Finais.....	43
5. Referências.....	49

Introdução

A presente pesquisa procura realizar um estudo breve do pensamento do filósofo esloveno Slavoj Žižek, autor que resgata a importância da psicanálise para a compreensão e análise de conflitos essencialmente sociais que assombram a cultura atual: a alienação e a aparente impossibilidade de se imaginar uma solução para além dos impasses vivenciados dentro do sistema sócio-político atual, assim como os pressupostos ideológicos do mesmo. Esse estudo se centrará especificamente em suas elaborações acerca dos conceitos lacanianos do real e do grande Outro junto ao conceito de ideologia de Marx, buscando apontar de que forma esses conceitos se complementam na visão do autor. Portanto, o que se encontra adiante se trata de uma pesquisa de cunho explicitamente teórico-bibliográfico. A procura responder à pergunta: qual seria a contribuição que a psicanálise (especialmente a Lacaniana) pode oferecer para a teoria social e para a teoria crítica no que se refere ao conceito de ideologia?

Slavoj Žižek nasceu em 1949 em Liubliana, atual capital da Eslovênia, que na época integrava a Iugoslávia no contexto do regime comunista da União Soviética. Lá, ele cresceu, estudou e doutorou-se em filosofia em 1981 com uma tese a respeito do movimento filosófico intitulado de Idealismo alemão (período filosófico que incorpora pensadores como Kant, Fichte e Hegel) e é onde atua até hoje como pesquisador no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, além de lecionar na European Graduate School. Durante os anos 1980, o autor estudou na universidade de Paris, onde entrou em contato com o pensamento do filósofo Luis Althusser, suas elaborações acerca do conceito de ideologia e sua relação com o conceito psicanalítico do inconsciente, através de seguidores e estudantes de Althusser. Foi também na França que ele atendeu às aulas e seminários do psicanalista Jacques-Alain Miller, foi também analisado pelo analista durante um curto período. Miller foi aluno e discípulo exemplar do próprio Lacan, também foi seu genro e o responsável pela transcrição da maior parte de seus seminários, portando os direitos autorais de boa parte de sua obra escrita. Miller, é portanto, um dos maiores especialistas vivos em psicanálise Lacaniana, embora a divergência entre sua interpretação da obra de Lacan e a posição de Žižek não seja pequena.

Após terminar seus estudos, o autor encontrou dificuldades em achar uma posição fixa de trabalho como professor ou pesquisador, devido às suas discordâncias

teóricas e políticas com a norma de seu país na época, durante o regime comunista. Por isso, teve que se contentar inicialmente em realizar diversos trabalhos de tradução, que eram em sua maioria, de textos filosóficos (incluindo textos de Louis Althusser). No ano de 1990, após a queda do regime comunista, Žižek se candidatou para a presidência de seu país natal sob a bandeira de um partido democrata, mas perdeu a eleição. Em 1992 publicou sua primeira obra reconhecida internacionalmente, “O objeto sublime da ideologia”, em inglês, em que fez algumas das primeiras considerações que são importantes para sua ontologia até hoje, apesar de sua mudança de posição em vários aspectos desde a publicação desta. Essa constante mudança de posição (com relação tanto a aspectos estritamente teóricos, quanto políticos) é uma marca significativa na produção literária do filósofo esloveno, derivada da influência da dialética continental em seu pensamento (em que a verdade só surge a partir de oposições) e, é também uma das razões que alimenta grande parte das críticas contra o filósofo.

Sua produção literária, em si, é bem impressionante, pelo menos no que se refere ao volume produzido, com mais de cinquenta livros publicados sendo que, desde o começo de sua produção, escreveu cerca de dois livros por ano. Apesar disso, o próprio autor é muitas vezes crítico de seus próprios livros, dissertando várias vezes em palestras e entrevistas sobre como alguns de seus livros são “editados de maneira pobre” e sua formulação se apresenta como “incompleta” ou superficial. Fala também que em sua opinião, existiriam pessoas muito mais qualificadas do que ele para discutir determinados assuntos presentes em seus livros, mas ainda os defende na medida em que, segundo ele em uma de suas palestras: “ vejo coisas importantes acontecendo, mas não vejo ninguém [de longo alcance] disposto a escrever sobre elas” (ŽIŽEK, 2011). O autor também é frequentemente caracterizado em seu trabalho pelo seu repertório eclético, que varia desde análises de filmes hollywoodianos até conceitos de física quântica, suas conexões rápidas e o valor pedagógico de seus exemplos, que prendem a atenção do leitor de uma maneira raramente vista em livros teóricos de filosofia ou psicanálise.

Hoje em dia o autor continua mantendo seu ritmo de produção excepcional, publicando pelo menos dois livros por ano e organizando palestras regulares ao redor do mundo, se firmando como um dos intelectuais mais notórios dos tempos atuais. É diretor do instituto de humanidades do Birbeck College em Londres, é colunista parcial

para o jornal *The Guardian* (entre outras revistas e jornais) e professor convidado em diversas universidades e centros de pesquisa ao longo da Europa e dos EUA. O autor também não é o único que aborda os temas filosóficos pelo qual é caracterizado (reinterpretação de Hegel se utilizando de teoria psicanalítica lacaniana), pois autores como Alenka Zupančič (filósofa) e Mladen Dolar (filósofo, crítico literário) caminham segundo um pensamento muito parecido e juntos, os três compõem o que se conhece por Escola filosófica de Liubliana, sendo os trabalhos destes como um todo, dadas certas divergências, vistos como complementares uns aos outros.

A presente pesquisa se propõe a realizar um estudo teórico-bibliográfico da obra do autor supracitado através de uma discussão guiada por uma revisão bibliográfica de partes selecionadas de sua obra, conjuntamente com passagens da obra de Freud e Lacan, tendo como foco o estudo do uso que o autor emprega de conceitos específicos da psicanálise lacaniana para ter uma visão privilegiada do problema teórico que é o conceito marxista de ideologia. O que se propõe aqui é uma breve apresentação do pensamento do autor, da problemática que envolve o conceito de ideologia, segundo algumas de suas considerações teóricas e a revisão e discussão da sua produção teórica nos últimos anos (1994-2014) a respeito do tema de ideologia visto sob a lente teórica da psicanálise lacaniana. Ela tem como propósito apresentar o trabalho do autor para leitores ainda pouco familiares com este, mas que tenham interesse em se aprofundar em seu trabalho e/ou tenham um interesse específico no tema de ideologia em sua relação com a psicanálise lacaniana. Portanto, um dos objetivos ao elaborar esta tese foi o exercício de clareza pedagógica na linguagem empregada, embora aqueles que já obtêm alguma familiaridade com o trabalho do autor ou com a obra de Lacan, terão maior facilidade de compreensão das ideias expostas aqui. Vale a ressalva que os exemplos oferecidos durante a pesquisa, sejam eles exemplos citados, parafraseados ou fornecidos pelo que vos escreve, são exatamente isso, exemplos. Cada um destes poderia ser objeto de uma pesquisa por si só, mas serão apresentados aqui somente pelo seu valor propedêutico ou heurístico e não pretendem de forma alguma uma análise totalizante de cada um dos temas abordados por eles.

O tema abordado neste trabalho, foi considerado pertinente para uma tese de conclusão de curso, na medida em que retoma a importância do pensamento psicanalítico (principalmente o lacaniano) para analisar problemas sociais que se

tornam cada vez mais prevalentes, especialmente levando em consideração os fenômenos político-ideológicos recentes (a chamada “guinada à direita” e autoritarismos que surgem ao redor do mundo). Embora o intuito do autor em que se baseia este estudo, assim como este estudo, esteja longe de almejar tornar a psicanálise uma espécie de filosofia ou uma teoria crítica social, em si, acredito que não se pode negar as contribuições que podem ser feitas a estes campos a partir da visão psicanalítica. Este, salvo o erro, certamente parecia ser o posicionamento de Freud, dado o empenho que empregou na escrita de textos que podem ser caracterizados como “ sociais”, como por exemplo em seus textos, “O mal-estar na civilização” e “Psicologia das massas e análise do eu”. Também considero interessante, enquanto justificativa, a oportunidade de expor, embora de forma breve e através da visão de um outro autor, as implicações que o trabalho de Lacan tem para com a filosofia e a teoria social, dado que o trabalho deste é geralmente apresentado por sua importância nas áreas da clínica e da psicopatologia, e não tanto segundo seu potencial crítico nas áreas sociais.

Utilizarei por hora, até que este conceito possa ser elucidado de forma mais clara e completa ao longo da pesquisa, uma definição sintetizada do conceito de ideologia, já direcionado de certa maneira ao que segue: ele pode ser definido como uma inversão na relação de sujeito e objeto, observado na célebre frase de Marx, “Eles não sabem o que fazem, mas estão fazendo” (Marx, 2013, p.149). O sujeito passa a ser objeto de uma força externa que se inscreve na própria realidade, esta dada à função de manter relações de poder em benefício da classe dominante (Bottomore,1983,).

Método

O material selecionado para a realização deste estudo foi a revisão-bibliográfica, principalmente, dos seguintes livros do autor: “Eles não Sabem o Que Fazem. O Sublime Objeto da Ideologia” (2008), “Como ler Lacan” (2010), “Um mapa da ideologia” (1994) e “Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético” (2013). Estes livros e suas passagens que serão discutidos nas páginas que seguem, foram selecionados por serem todos livros famosos na extensa bibliografia do autor, que contém algumas de suas contribuições teóricas mais importantes a respeito do problema da ideologia e/ou de pressupostos teóricos psicanalíticos, como o inconsciente, o grande Outro e a formulação do sujeito. Junto a estes livros também foram selecionadas lições de Lacan retirados de: “O seminário livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” e “O estádio do espelho como formador da função do eu”. Estes textos foram selecionados por serem alguns dos mais citados por Žižek, além de serem amplamente reconhecidos como parte da base do edifício teórico lacaniano. Por último, foram selecionados também textos da obra de Freud como o estudo de caso “O homem dos lobos” e passagens da “Interpretação dos sonhos”. Estes textos foram escolhidos devido a sua importância geral no âmbito da psicanálise assim como para servir como ponto de referência ao leitor e lembrá-lo que, por mais que o tema abordado aqui pareça se distanciar da experiência clínica, com a qual a psicanálise é normalmente associada, ele ainda tem íntima relação epistemológica com partes da teoria que foram trabalhados por Freud em seus estudos.

O problema da Ideologia

Em primeiro lugar, gostaria de fazer alguns esclarecimentos sobre o que será referido de agora em diante como ideologia e sua relação com a tese inicial deste trabalho: a maneira como pode ser compreendida através de uma visão psicanalítica e os efeitos de tal compreensão na direção de uma teoria que poderíamos chamar de “social”, segundo o autor referido (Žižek). Iniciarei com a consideração mais óbvia acerca deste tema: a ideia de que ideologia é um fenômeno essencialmente inconsciente. Essa ideia é algo que já foi considerada por alguns teóricos do tema muito antes de Žižek e um deles em particular que teve considerável influência sobre o mesmo. Luís Althusser foi um filósofo marxista que não era estranho ao trabalho de Freud nem ao de Lacan (este último e Althusser lecionaram na mesma universidade na época que Lacan se encontrava afastado de maior parte das instituições de ensino devido à sua controvérsia com a IPA¹). Ele foi um dos primeiros a dar indicações de uma conexão, no tocante a este conceito (ideologia), entre a disciplina da teoria marxista e psicanalítica, porém sem providenciar grandes elaborações teóricas a seu respeito.

De fato, além da constante referência a Lacan, Žižek irá se utilizar de muitos dos pressupostos trabalhados por Althusser para dar a constituição teórica desta conexão, embora o espaço teórico do qual parte e no qual chega seja diferente do de Althusser, o que espero que fique claro nas páginas a seguir. Vale ressaltar que este link (Ideologia como inconsciente), implica em uma mudança de perspectiva não só do que seria chamado de Ideologia, mas também do que é tipicamente referido como inconsciente, neste aspecto o autor encontrará a justificativa teórica para tal perspectiva no trabalho de Lacan. Através dessa lente teórica o autor procurou uma justificativa legítima para renovação deste conceito considerado por muitos como epistemologicamente ultrapassado. Žižek reconhece a razoável confusão acerca deste conceito.

Ideologia pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que não reconhece sua dependência na realidade social até uma orientação de práticas por um conjunto de crenças, desde um meio indispensável no qual indivíduos vivem suas relações até uma

¹ Internacional Psychoanalysis Association

estrutura social, até ideias falsas que legitimam um poder político dominante.(ŽIŽEK, 1994, p.5)²

A principal dificuldade teórica deste conceito, no entanto, é que ele parece enunciar a partir de uma posição externa (de neutralidade) algo que diz respeito a ele próprio. Ou seja, ao se afirmar determinada verdade como “falsa” ou ideológica, se pressupõe que exista tal coisa como uma “verdade factual”, sobreposta a uma estrutura edificante. Ou como explica melhor Foucault em uma de suas entrevistas:

A noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões (...), [primeira:] ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade (...), [segunda:] refere-se necessariamente a alguma coisa como sujeito (...) [terceira:] está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infraestrutura ou determinação econômica, material etc. (FOUCAULT, 2014, p.44).

Em outras palavras, como garantir esta posição privilegiada em que se consegue distinguir entre o que seria falso ou verdadeiro? Mais importante ainda, não seria essa posição, em si mesma, ideológica? O conceito à primeira vista parece constituir uma armadilha teórica que desemboca em uma espécie de cinismo, em que todo discurso é de certa forma ideológico e tudo que se pode fazer quanto a isso é analisar um discurso a partir de quem ele coloca a serviço sua verdade no jogo das relações de poder. Uma das maneiras em que Žižek procura evitar este tipo de cinismo é equivalendo a posição ideológica com uma verdade factual, em oposição a uma reflexão ilusória.

Ideologia não tem nada a ver com ‘ilusão’(...) Colocando sucintamente: um ponto de vista político pode ser bem preciso (‘verdadeiro’) com relação ao seu conteúdo objetivo, e ainda profundamente ideológico; e, vice-versa, a ideia que um ponto de vista político deposita de seu conteúdo social pode se provar totalmente errado, e ainda assim não há nada de ideológico nele. ”(ŽIŽEK, 1994, p.6).

Aqui o autor procura seguir Lacan em seu aforismo que denomina que ‘a verdade tem a estrutura de uma ficção’. Por exemplo, uma posição política pode parecer completamente fora do que se identifica tipicamente como possível (digamos aumentar os impostos para os mais ricos), no entanto, é precisamente porque isto se identifica como fora da realidade esperada que ela se encontra em uma posição não-ideológica. Žižek faz a ressalva de que é somente enquanto tal posição aponta para

² Tradução livre do autor.

um caráter de antagonismo sistemático que esta posição se encontra consolidada. O que importa nessa determinação não é tanto que um determinado conteúdo seja identificado como falso ou verdadeiro, mas sim ‘ a maneira com que este conteúdo está relacionado à posição subjetiva implicada pelo seu próprio processo de enunciação’ (ŽIŽEK, 2012). Para que a relação ideológica funcione é preciso que a lógica que legitima tal relação (de dominação) permaneça velada.

Apesar desta última consideração ser apropriada até certo ponto, ela ainda pode ser submetida a todo tipo de relativização (histórica, política, econômica etc....), na medida em que continua sendo totalmente subjetiva e assim suspende mais uma vez o valor cognitivo do termo ideologia. Para evitar esta armadilha, Žižek recorre ao que ele chama de a tríade Hegeliana de “em si”, “em si- para si” e “em e para si”. Ele analisa respectivamente três diferentes perspectivas sobre críticas ideológicas passadas, procurando o limite inerente de cada uma para estabelecer este limite como um traço constitutivo-positivo do conceito, em si. Estas três perspectivas tomam ideologia como: um complexo de ideias que apresenta um hiato “sintomático” localizado a partir de uma leitura textual (Habermas, razão instrumental), em sua materialidade através do Aparato Ideológico Estatal (Althusser, práticas sociais) e como um meio que estrutura a realidade em si mesma através da forma mercadoria (Lukács’s e o primeiro tempo da escola de Frankfurt). (ŽIŽEK, 1994)

Com relação à primeira das perspectivas destacadas (análise textual/ em-si), esta tem sua meta reconhecida em uma análise textual que aponta os diversos hiatos e atos falhos presentes ou pressupostos em um discurso, de forma a revelar uma tendência secreta deste último. Por exemplo: a noção de liberdade e igualdade, em última instância, é sempre a liberdade e a igualdade na parceria da troca mercadológica, de forma a favorecer tendenciosamente os donos dos meios de produção. Segundo o autor, o limite deste tipo de crítica se localizaria na percepção destes hiatos (sintomáticos) como elementos extratextuais, quando na verdade estes seriam sua condição positiva. Aqui Žižek aponta para o trabalho de Oswald Ducrot (embora este nunca tenha usado o termo ideologia), cuja premissa é que não existe uma diferenciação clara entre os níveis descritivos e argumentativos em análise discursiva, em outras palavras, não existe tal coisa como um conteúdo neutro e puramente descritivo. Em termos lacanianos esta operação (análise textual) é problemática porque consiste em uma naturalização do simbólico, de forma a tomar

certos elementos (os referidos hiatos) como elementos extra-textuais ao invés de constitutivos do discurso: “ nada falta ao real, toda percepção de uma falta ou um ganho sempre envolve o universo simbólico” (ŽIŽEK, 1994, p.13).

Na segunda perspectiva (práticas externas/ para si), o autor menciona a citação emblemática que Althusser faz de Pascal a propósito da crença religiosa: “ se ajoelhe e você acreditará que você se ajoelhou porque você acredita”. Aqui encontramos a lógica da crença como que invertida; ao invés de uma crença interna, do próprio sujeito, orientar suas ações práticas, são essas próprias práticas que orientam (retroativamente) uma crença interna do mesmo. A vantagem desta perspectiva é que ela nos permite enxergar ideologia como externa a si mesma, ou seja, não é que exista tal coisa como uma figura soberana que determina as relações sociais de micro-poder de cima para baixo (como enfatiza também Foucault), mas que essa relação de soberania funciona como um efeito secundário e, que embora secundário é sempre percebido como um já-desde-sempre pressuposto na figura, de um governante, de uma instituição, do Aparato Estatal pelo qual se estrutura todo o resto do campo simbólico (diferentemente, salvo o erro, de Foucault).(ŽIŽEK, 1994)

Na terceira etapa da reconstrução feita pelo autor encontramos a mesma visão externa refletida sobre si mesma, mostrando assim seu limite. De forma que ideologia passa de uma base homogênea pela qual se estrutura a sociedade para uma série de processos heterogêneos estritamente localizados atribuídos a uma determinada classe e conjunto de crenças práticas (como no exemplo oferecido acima, de Pascal). Se adicionarmos a isso a questão da mídia de massa do presente estágio capitalista, junto com o ponto de vista cínico de que, em países democráticos indivíduos estão livres para pensar o que bem entenderem e seguem seu entendimento de forma utilitária, nos encontramos na difícil posição em que a realidade se torna mais uma vez indistinguível da verdade ideológica (dos fatos). Seguindo esta lógica, no entanto, é possível detectar um terceiro elemento.

Nem ideologia enquanto doutrina explícita, convicções articuladas sobre a natureza humana, sociedade e o universo, nem em sua materialidade existencial (instituições, rituais e práticas que lhe dão corpo), mas a rede elusiva de implícitas, semi- espontâneas pressuposições e

atitudes que formam um momento irreduzível da reprodução de práticas ‘não ideológicas’ (econômicas, legais, políticas, sexuais etc...). (ŽIŽEK, 1994, p.13)³

O melhor exemplo desta última consideração, segundo o filósofo, seria o conceito de fetichismo de mercadoria elaborado por Marx. Aqui o autor faz questão de apontar primeiramente que Marx nunca chamou este conceito de ideologia, para Marx ideologia era sempre ideologia ligada ao estado, na medida em que ideias ‘falsas’ (por exemplo o classicismo grego tomado como uma referência cultural para o capitalismo alemão do século XIX) tomam o lugar de uma justificativa fornecida pelo estado ou por intelectuais para a exploração e relação de dominação respectiva à divisão de classes. Em segundo lugar, o termo fetichismo é usado por Marx segundo seu sentido religioso, como crenças falsas (em fantasmas ou espíritos como figuras idolatrarias ‘falsas’) em oposição à crença verdadeira e atualizada. “O ponto de Marx é que o universo de mercadorias providencia o suplemento fetichista necessário à espiritualidade ‘oficial’ (capitalismo)”. (ŽIŽEK, 1994, p. 13).

Depois de percorrer esse caminho e se utilizando de certa contribuição psicanalítica, Žižek nos indica que há algo em comum entre as três elaborações e que possui uma relação fundamental com a última consideração mencionada no parágrafo anterior. Há algo que se repete nessas três considerações sobre ideologia, esta repetição consiste em um dualismo: entre interior (o campo simbólico de interpelação por regras sociais referidas ao sujeito de forma espontânea) e o exterior (instituições e o aparato estatal que toma forma de uma imposição), entre o sujeito e o estado e a divisão entre estado e mercado. Esse dualismo parece ser fundado na necessidade de um distanciamento, de uma divisão, de forma em que o ciclo ideológico só se completa através de uma relação que seja necessariamente, ao mesmo tempo, complementar e contraditória, não constituída por uma totalidade consistente.

É somente a partir dessa relação de divisão e distanciamento que se pode localizar uma tensão ou um antagonismo entre as partes, de forma que uma pode sempre denunciar a outra partindo de uma posição privilegiada, mas que ainda assim contém seus próprios pressupostos implícitos. O ponto de Žižek é que essa divisão é, em si, universal: “Ideologia é sempre, por definição, ideologia da ideologia. (...) não há

³ Tradução livre do autor

ideologia que não afirme a si mesma por meio de delimitar a si mesma através de outra 'mera' ideologia..." (ŽIŽEK,1994, p.14).

Portanto e, seguindo novamente Lacan, o autor afirma que não há tal coisa como uma realidade constituída simbolicamente sem o seu complemento não simbolizado, que reaparece na forma de aparições fantasmáticas, de um espectro fetichista. A esse respeito ele ainda adiciona: "O que o espectro encobre não é a realidade, mas o que é primordialmente reprimido" (ŽIŽEK,1994, p.10). Para evitar confusões com relação a esse argumento é preciso ser preciso. O que Žižek aponta aqui como primordialmente reprimido não é o outro lado de uma realidade na qual uma crítica ideológica se apoia (por exemplo o mercado em oposição ao Estado), mas a divisão em si, o distanciamento que dá base a esta oposição em primeiro lugar. Tomando como exemplo o conceito da luta de classes: não é tanto que este conceito se apoia diretamente na realidade, nos conflitos entre a figura de um povo mítico e o seu explorador, mas antes que ele representa uma divisão que resiste a uma significação (no sentido do real de Lacan, que resiste à simbolização), ele designa o próprio impedimento que a sociedade tem em ser tomada como uma totalidade completa e consistente.

Por que Marx inventou o sintoma, segundo Žižek?

Žižek começa seu argumento apontando uma homologia entre a interpretação Freudiana dos sonhos e a interpretação Marxista da forma mercadoria. Ambas interpretações operam sobre uma inversão da forma típica de investigação, em que a forma funciona simplesmente como uma máscara para um conteúdo que se manteria oculto por trás dela. Ou seja, ao invés da forma se manter como algo externo ao próprio conteúdo ela passa a ser, ela mesma, constitutiva dele.

No caso da interpretação dos sonhos, o autor faz questão de lembrar que não existe nada, em si, inconsciente nos pensamentos latentes retirados do sonho (estes seriam antes pertencentes à topologia do sistema pré-consciente/consciente que foram submetidos à elaboração primária), é somente na comparação entre os pensamentos latentes e pensamentos manifestos do sonho que podemos ver o seu

trabalho (condensação, deslocamento, o jogo de palavras e significantes). Logo, o que é identificado como inconsciente na operação não é o que foi obtido no final, na tradução do conteúdo manifesto para o latente, mas sim o próprio processo- o movimento de tradução em si- que revela uma espécie de curto-circuito entre um desejo da infância que já havia sido recalçado e o conteúdo latente. (ŽIŽEK, 2008).

(...)agora que ao menos os analistas concordam em substituir o sonho manifesto pelo sentido revelado pela sua interpretação, muitos deles são culpados de incorrer em outra confusão à qual se aferram com igual obstinação. Procuram encontrar a essência dos sonhos em seu conteúdo latente e, ao fazerem isso, desprezam a distinção entre os pensamentos oníricos latentes e o trabalho do sonho. No fundo, os sonhos nada mais são do que uma forma particular de pensamento, possibilitada pelas condições do estado de sono. É o trabalho do sonho que cria essa forma, e só ele é a essência do sonho. (FREUD, 2001, p.490)

No caso da interpretação da forma-mercadoria, Žižek aponta mais uma vez para o que permanece como o interesse constitutivo de Marx em sua análise. Esse interesse não tem como alvo o conteúdo; o que é curioso para Marx não é apenas que o tempo de trabalho investido é traduzido como valor, mas o porquê de o trabalho assumir essa forma em primeiro lugar. Tomando o exemplo de dinheiro; existe uma abstração imanente ao dinheiro enquanto forma antes que este possa ser analisado quanto ao seu conteúdo (seu valor de uso, leis de oferta e demanda etc.); indivíduos se utilizam de dinheiro muito antes de saber efetivamente as consequências do seu uso, eles fazem dele um mecanismo de troca como se diferentes mercadorias realmente obtivessem uma equivalência entre si e não fossem submetidas a deterioração, corrupção etc. O próprio dinheiro (enquanto papel moeda) pode ser deteriorado, rasgado, ter marcas desenhadas, mas ele mesmo sempre mantém seu valor simbólico apesar de sua materialidade. Haveria, portanto, nessa abstração um pensamento simbólico que precede o pensamento individual (não no sentido de um arquétipo, mas no sentido de sua função social).

A determinação da magnitude do valor por tempo-trabalho é, portanto, um segredo, escondido sob flutuações aparentes no valor relativo de mercadorias. Sua descoberta, enquanto remove toda aparência de mera acidentalidade da determinação de magnitude dos valores de produção, ainda de forma alguma altera o modo no qual essa determinação se coloca. (MARX *apud* ŽIŽEK, 1976, p.168).⁴

⁴ Tradução livre do autor

A partir dessa homologia teórica Žižek profere a seguinte formulação com relação ao que poderia ser considerado inconsciente: “ A forma de pensamento cujo status ontológico não é de pensamento, ou seja, uma forma de pensamento que é externa a si mesma” (ŽIŽEK, 2008, p.13). Esta definição é particularmente similar ao que Jacques Lacan denominava como a ordem simbólica (uma das três que segundo ele constituem o psiquismo) e também pode ser considerada como uma espécie de definição paralela à ideologia.

O sintoma, no tocante ao famoso aforismo lacaniano “foi Marx quem inventou o sintoma”, se refere ao mesmo processo de abstração e distanciamento (sua causa como externa a si mesma). Ele implica que o sujeito obtenha um tipo de satisfação específica (gozo) a partir dele, o ponto importante é que essa satisfação só é produzida enquanto ela se apresenta como externa ao próprio sujeito, enquanto ele permanece alienado desta.

(...) Lacan apontou que foi Marx quem inventou o sintoma: a grande realização de Marx foi demonstrar como todo fenômeno que parece à consciência burguesa do dia a dia como simples desvios, deformações contingentes e degenerações do funcionamento ‘normal’ da sociedade, (crises econômicas, guerras etc....) que enquanto tais podem ser abolidas através do melhoramento do sistema, são produtos necessários do próprio sistema (ŽIŽEK, 2008, p.144).

Seguindo Lacan, Žižek procura situar o sintoma dentro do que Marx chamou de fetichismo de mercadoria, “ Uma relação social definida entre os homens, que assume, em seus olhos, uma forma fantástica de uma relação entre coisas” (Marx, 2013, p. 146). Em outras palavras, esta definição não é “fantástica” porque existe uma relação que a determina como algo além dela mesma, mas sim por que a coisa mesma se modifica a partir do lugar que ocupa. A chave desse processo está em um engano fundamental, em uma inversão, em que a série de determinações em uma rede simbólica, é tomada como uma propriedade essencial e natural desta (de uma dessas determinações). Um exemplo famoso desse fenômeno ilustrado por Žižek, é a garrafa de Coca-Cola, o fetichismo propriamente falando não vem à tona porquê colocamos fantasias sobre a garrafa, sendo que na verdade se trataria apenas de uma garrafa de vidro com um líquido preto gasoso, mas sim que este líquido preto e gasoso dentro de uma garrafa só é considerado (em sua mais básica materialidade) como a mercadoria Coca-Cola através de uma fantasia determinada simbolicamente.

Esse aspecto do fetichismo pode ser encontrado tanto nas relações entre mercadorias como nas relações entre os homens. Durante a época do Feudalismo, o fetichismo se dava nas relações de serviço entre pessoas dependendo da classe social que ocupavam; um rei é considerado um rei devido a sua posição como tal, naturalizada como aquele que foi escolhido por deus, e não devido ao seu papel social nem ao como ele é tratado por seus diversos membros, ou seja, é como se este fosse rei independente de seus súditos existirem ou não. O que era antes uma relação fetichista de poder entre os homens de senhoria e serviço, passa a ser mascarado (em sociedades capitalistas) como relações entre mercadorias e mediadas a partir da lei e entre indivíduos livres.

Até agora, nada foi dito de novo com relação aos tópicos abordados acima. A questão maior que preocupa Žižek é que dado que vivemos em uma época de razoável liberdade de expressão política, já não é mais possível realizar o que era antes considerado como a crítica ideológica padrão, em que se localiza um distanciamento necessário para a realização de uma realidade constitutiva “sintomática”, revelando assim uma verdade recalcada sobre si mesma. Uma vez que diferentes discursos e oposições políticas podem facilmente realizar essa operação, uns contra os outros (e a si próprios), se torna muito fácil incorporar este distanciamento em si (declaradamente), como uma forma de dar continuidade à sua própria ideologia. Poderíamos ser tentados então a declarar que vivemos em uma era pós-ideológica, no entanto Žižek faz questão de nos lembrar “...razão cínica, com todo seu distanciamento irônico, deixa intocado o nível fundamental da fantasia ideológica, o nível no qual ideologia estrutura a própria realidade social” (ŽIŽEK, 2008, p.27). A respeito disso, o autor aponta que o lugar onde se realiza a verdadeira ilusão ideológica -tomando como exemplo a célebre frase de Marx: “ eles não sabem o que fazem, mas ainda sim estão fazendo”. - é o lugar do “fazer”, não do “saber”, de forma que no caso da razão cínica esta frase pode ser modificada da seguinte maneira “ eles sabem que, em sua atividade, eles estão seguindo uma ilusão, mas ainda assim eles o fazem” (ŽIŽEK, 2008, p.30).

Essa leitura, segundo Žižek, é concordante com a proposição de Lacan com relação a crença, em que esta, não é interior, mas exteriorizada nas práticas sociais e garantidas sob o selo do grande Outro, assim sustentando as mais fantásticas superstições. Tomando como exemplo (além dos citados acima) a risada de fundo

que aparece em programas de comédia americanos, a risada não está presente para que a audiência seja induzida a rir, ela está lá para rir no lugar da audiência, para que ela mesma não tenha que se dar ao trabalho. Essa externalização permite a realização do conteúdo inconsciente através do suporte do grande Outro.

A ideologia do aparato estatal, está presente em sua forma mais pura na lei, a lei é uma das expressões mais explícitas do grande Outro e da ordem simbólica. Ao mesmo tempo em que ela é sempre pressuposta (todos cidadão têm conhecimento de sua existência), existe algo nela que é sempre velado, cujo conhecimento possui um caráter traumático e de certa forma proibido. A grande crítica de Žižek à teoria de Althusser e sua escola (e a ideia de que ideologia é algo ligado estritamente ao aparato estatal), é que a interpelação ideológica do sujeito pelo aparato estatal, enquanto interpelação de verdade e significância que permite que o sujeito se localize enquanto tal dentro da rede simbólica, nunca pode se realizar totalmente, existe sempre um resíduo traumático. Este resíduo também não é simplesmente um epifenômeno do aparato ideológico, mas é constitutivo dele. Ele oferece ao sujeito uma saída através da qual ele pode obter certa satisfação "... é precisamente este ganho não-integrado de traumatismo sem sentido que confere à lei sua autoridade incondicional...- na medida em que escapa o sentido ideológico-ela sustenta o que podemos chamar de *jouis-sense* ideológico.", (ŽIŽEK, 2008, p. 43).

Ideologia, portanto, segundo o autor, não deve ser interpretada como algo ilusório que mascara o estado de como as coisas "realmente são", mas algo que é mesmo estruturante dessa realidade de modo que deixa um resíduo traumático velado. Este último derivado, por exemplo, de uma divisão social impossibilitada de simbolização.

O Sujeito e o Outro

Para tornarem-se mais inteligíveis as proposições apresentadas no presente trabalho e para um melhor entendimento do pensamento de Žižek, por parte do leitor, é importante que se esclareça com certa precisão alguns termos cunhados por Jacques Lacan devido a sua referência constante a eles ao longo de sua obra, e por extensão na obra de Žižek, tais como: O grande Outro, alienação (constituente na linguagem) e o que o psicanalista francês chama de a ordem simbólica.

Uma característica marcante do ensino de Lacan são seus exemplos e analogias mirabolantes, que variam desde considerações sobre lógica até digressões sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel. Uma das interpretações que pode ser atribuída a respeito da utilidade desse tipo de exemplo para a psicanálise, é que o processo da consciência levada até seus últimos limites tem algo a dizer sobre as instâncias em que ela se encontra mais delimitada (na neurose e na psicose enquanto descritas por Freud), e vice-versa. Para ele, o limite maior é o limite da significação, cuja unidade elementar ele localizará no nível do significante.

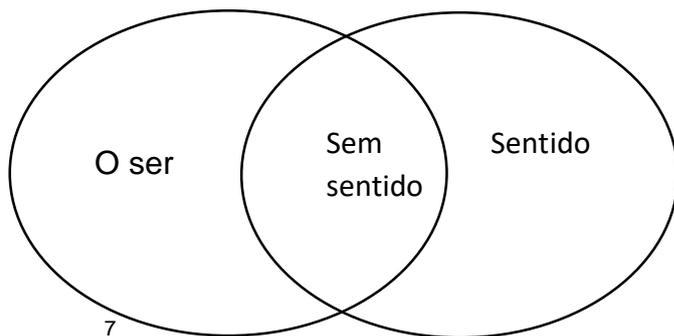
Como já foi descrito exhaustivamente por diversos autores e comentaristas, Lacan formula sua teoria psicanalítica e seu discurso sobre o inconsciente com base em uma estrutura linguística derivada, mas não equivalente, à de Ferdinand de Saussure (Linguista Suíço da segunda metade do século XIX que junto com Claude Lévi-Strauss, formou o edifício do que foi conhecido mais tarde como estruturalismo). Essa estrutura, segundo a concepção dos autores previamente mencionados, é constituída através da articulação entre unidades chamadas de signos, sendo estes divididos entre significante (uma “imagem sonora”) e um significado (a “coisa” representada) correspondente⁵, estes podem ser combinados de diferentes formas para gerar o esquema de significação presente na linguagem. Lacan, no entanto, difere de Saussure na medida em que dá primazia ao significante nesta operação, em oposição ao significado, de forma que a articulação entre significantes pode ela mesma produzir um significado, ao invés de ser apenas um semblante estrutural

⁵ Em última instância, para Lacan, Signo é representante de algo para alguém e significante é o que representa o sujeito para um outro significante. Mas levando em consideração que um dos objetivos do presente trabalho é obter certa clareza pedagógica, não considereí problemática a definição que se apresenta aqui.

deste. Por exemplo, o significante “banheiro” pode produzir dois significados diferentes dependendo de sua articulação com outro significante inscrito em uma porta (homens ou mulheres) (GARCIA-ROZA, 2009.). De forma que a ideia objetiva do que uma coisa “é” pode ser determinada apenas pela combinação de diferentes significantes. Portanto, o motor da cadência de significação presente na linguagem passa a ser o significante e é essa cadeia de significantes, em seu processo de significação, que constitui o que Lacan chama de a ordem simbólica da vida psíquica.

Lacan insiste, porém, que existe uma alienação constituinte neste esquema de significação sob o qual opera a linguagem, que pode levar a confusões lógicas e paradoxos com relação à produção de um sentido claro. Estes paradoxos aparentes se formam quando tentamos enunciar o próprio lugar de onde estamos enunciando como se não estivéssemos enunciando através dele em primeiro lugar. Pode-se dar o exemplo do paradoxo de Bertrand Russel: digamos que temos duas classes, uma classe Normal que tem, dentre seus termos, conjuntos que não incluem a si mesmos na própria classificação (por exemplo, o conjunto dos matemáticos não é em si um matemático). Na segunda, temos uma classe Não-normal, que tem entre seus termos, conjuntos que incluem a si mesmos na própria classificação (por exemplo, o conjunto das coisas pensáveis é em si uma coisa pensável). Agora, a classe Normal é em si normal? Se sim, podemos dizer que ela inclui a si mesma na própria classe, logo é Não-normal (pela própria definição), mas se é Não-normal então é Normal (já que não é igual a si mesma e, portanto, não se inclui na própria classe), e assim por diante em uma regressão ao infinito, sendo que o mesmo acontece se questionamos se a classe Normal é não-normal (NAGEL, NEWMAN, 2015). Este paradoxo acontece quando tentamos classificar um método de classificação segundo seu próprio método de classificação. Tomando ainda outro exemplo mais elementar citado por Lacan no decorrer de seu décimo primeiro seminário: quando enunciada a frase “Eu minto”, pode-se perguntar se esta afirmação é verdadeira e concluir que se ela de fato for verdadeira, significaria que então ela é falsa, logo é verdadeira e assim por diante... Isto, no entanto, não nos impede de atribuir sentido a esta frase quando a ouvimos no dia a dia ou proferida por um personagem em um livro ou em um filme, em outras palavras não a tomamos como um paradoxo ou antinomia toda vez que a ouvimos, mas por quê? A resposta é que a palavra “eu” se refere a dois tipos de significantes

diferentes⁶. O primeiro se refere ao sujeito que a pronuncia, que efetivamente a escreve ou fala (eu da enunciação), o segundo, ao conteúdo presente na frase, “minto” (eu do enunciado ou eu do conteúdo), sendo este produzido retroativamente pelo sentido da frase (LACAN, 2008). O ponto de Lacan é que este sujeito do conteúdo, este eu que se localiza em um Outro, é onde se localiza o sentido, que é constitutivo da linguagem e do sujeito que a utiliza enquanto tal. “ O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito. ” (LACAN, 2008, p. 200). Segundo esta lógica, existe uma separação, inerente a produção de sentido, que impede que as coisas possam ser tomadas como equivalentes a elas mesmas. Pensemos no seguinte exemplo “uma rosa é uma rosa”, a rosa que se apresenta no início da frase possui um significado diferente da que vem ao final da frase, a linguagem permanece presa a essa não-equivalência.



Podemos então esquematizar a questão (eu do enunciado ou conteúdo/eu da enunciação) da seguinte maneira; imaginemos um conjunto em que temos “ser” (o eu da enunciação ou o sujeito enquanto ser ciente e controlador de suas próprias ações) como seu membro, agora imaginemos outro conjunto que tem como membro o sentido (que produz o eu do enunciado, do conteúdo que dá o sentido à frase através do Outro, o lugar em que se situa a cadeia simbólica onde o sujeito pode ser determinado em primeiro lugar). Estes conjuntos possuem uma intersecção entre eles, chamemos essa intersecção de “sem sentido”. Quando proferimos uma frase (como “eu minto”) temos de fazer uma escolha a respeito de sua entrada na significação entre o sentido e o ser, pois se não escolhemos, ou optamos por manter ambas, caímos na

⁶ Lacan denomina este efeito de Shifter (do inglês “shift”, que significa mudar ou trocar).

⁷ A figura acima foi retirada e adaptada de “O seminário, livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, no original lê-se Ser, não-senso e Sentido respectivamente. (LACAN, 2008, p. 207)

intersecção “sem sentido” (no paradoxo), mas essa escolha não é simplesmente a escolha de ou um ou outro. Ela é uma escolha forçada, pois se escolhermos o ser, perdemos a base onde podemos nos determinar enquanto sujeito existente em primeiro lugar (a cadeia simbólica, o grande Outro), no entanto, se escolhermos o sentido podemos mantê-lo com a consequência de vivermos decepados tanto do conjunto do ser quanto de sua intersecção com o sentido. (LACAN, 2008).

Escolhermos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso- se escolhermos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. (LACAN, 2008, p. 206).

É isso que Lacan define como a alienação constituinte da linguagem, o que ele chama de vel. É importante salientar, a respeito da caracterização dessa alienação, que ela não é apenas o fruto de um ou outro paradoxo da linguagem, de casos isolados, mas ela faz parte do próprio mecanismo com que esta produz sentido em primeiro lugar, incluindo o próprio sujeito que a profere mesmo quando este não se encontra designado diretamente no enunciado. Tomando ainda outro exemplo: a palavra “obsoleta”, podemos dizer que ela é em si obsoleta? Se sim, podemos dizer que ela tem a mesma significação em ambas as vezes que a utilizamos? O que se mostra nesse exemplo é que a diferença entre uma significação e a outra (da palavra obsoleta), diz respeito, mais uma vez, a quem ela se refere “ (...) o significante com o qual se designa o mesmo significante, não é evidentemente o mesmo significante que aquele pelo qual se designa o outro” (LACAN, 2008, p 205). Portanto, para que a linguagem se expresse através do sentido que produz, é necessária a eterna referência a um Outro, um ponto de referência secundário com que possa referir-se a si mesma e assim, através da escolha forçada, causa com que o campo do seu ser (o sujeito) desapareça.

(...) o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a afânise ⁸ do sujeito. (LACAN, 2008, p 213.)

⁸ Aqui “afânise” significa desaparecimento.

É importante ainda destacar o elemento propriamente dialético nesta relação entre o sujeito e a linguagem. Ela tem uma similaridade análoga com o que já foi exposto previamente como a lógica do fetichismo; Temos um elemento “A”, que é igualado a outro elemento “B” (similar à equivalência entre uma mercadoria e seu valor), portanto $A=B$; o problema é que nesta operação A se torna B e B se torna retroativamente a composição de A, ou seja, temos aqui uma operação em que B deposita seu próprio pressuposto, se alienando assim da lógica originária que o produziu no primeiro tempo da equivalência (similar à relação entre o sujeito e sua introdução “forçada” na lógica do significante).⁹

Essa perspectiva secundária que permite com que o sujeito se perceba ao custo de desaparecer, o grande Outro, a ordem simbólica, não é uma categoria meramente passiva, mas sim uma instância, que em si forma uma ética que molda a vida psíquica dos indivíduos, ética que vigora não só o que se pode ou não realizar, mas também a forma como se deve burlar restrições pré-determinadas. Mais uma vez, podemos dizer que nos utilizamos da linguagem a nosso favor, mas retroativamente esta começa a se utilizar de nós, nos fazendo seu objeto. A respeito disso, Žižek escreve:

Freud usa três termos distintos para a agência que impele o sujeito a agir eticamente (eu ideal, ideal de eu e super eu) (...) “eu ideal” designa a autoimagem idealizada do sujeito (a maneira como eu gostaria de ser, a maneira como eu gostaria que os outros me vissem); ideal do eu é a agência cujo olhar eu tento impressionar com minha imagem do eu, o grande Outro que me vigia e me impele a dar o melhor de mim, o ideal que tento seguir e realizar; e super eu é essa mesma agência em seu aspecto vingativo, sádico, punitivo. O princípio estruturante subjacente a esses três termos é claramente a tríade de Lacan imaginário-simbólico-real. (ŽIŽEK, 2010, p. 99-100.)

Não é à toa que o grande Outro é ilustrado frequentemente na obra de Lacan através da figura de um espelho. O Outro se torna um meio pelo qual o sujeito pode se olhar, é o lugar de onde ele fala, onde é capaz de se identificar com uma imagem simetricamente invertida, real (no sentido ótico) e consistente de si mesmo, constituindo assim a imagem do eu (no caso, ideal do eu). Lacan, no entanto, insiste que esta divisão do eu precede sua inserção no campo simbólico, uma das características que, segundo ele, diferenciam o humano dos outros animais, é a

⁹ Ver exemplo citado no primeiro parágrafo da página 18.

reação do bebê quando encontra a própria imagem. Enquanto outros animais podem ser treinados a reconhecer sua própria imagem, o bebê humano expressa uma reação imediata ao se ver no espelho. Se considerarmos que a criança ainda não possui plena consciência de sua motricidade, ou seja, vê os gestos da figura no espelho como estranhos a ela mesma, ela vai então procurar o seu reconhecimento em um Outro, a mãe ou um cuidador adulto, que lhe confere a identificação consigo mesmo (a imagem de seu eu). Esta relação infantil que Lacan chamou de Estádio do espelho é o que mais tarde, após a instalação da linguagem, possibilitará a dialética entre o sujeito (que não se equivale ao eu) e o Outro (a cadeia simbólica, o sentido).

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p.97).

O objeto sublime da ideologia e o sinthoma

Voltando ao tema de Ideologia, em primeiro lugar, é necessário explicitar o que exatamente a concepção de Lacan, do sujeito em sua alienação no Outro, adiciona para a elaboração do tema em questão. A primeira destas considerações seria que o sujeito, que é em si necessário para a formulação do conceito de Ideologia (como apontado previamente na citação de Foucault)¹⁰, é uma instância que se manifesta retroativamente a partir da produção de sentido na cadeia simbólica. Ou seja, o sujeito pode ser articulado apenas a-posteriori de um sentido que sempre já foi elaborado e, ao mesmo tempo não está mais lá, ele não existe enquanto encarnação em alguma materialidade ou temporalidade fixa. Um bom exemplo para demonstrar este tipo de relação é a enunciação do momento “agora”, a palavra ‘agora’ designa um instante virtual que já se esvaneceu ao término de sua enunciação (pela própria relação temporal), nunca estamos no agora e, de maneira similar, nunca conseguimos

¹⁰ Ver primeira citação na página 11.

localizar o sujeito em sua manifestação material ou fixada, este se encontra desde sempre já desaparecido. ” A condição do sujeito é, portanto, imanentemente temporal: o sujeito é um ente virtual, ele não “existe” (no presente), é um X virtual que sempre ‘terá sido’”. (ŽIŽEK, 2013, p. 467).

Em segundo lugar, o sujeito só pode se localizar a partir do Outro (no lugar da cadeia significativa que o enuncia), já que seu próprio sentido depende da função da alienação no Outro, como resumido brevemente na exposição acima. Isto tem (dentre outras) a implicação de que o sujeito se percebe como externo a si mesmo, em uma torção (ou inversão) entre externo e interno à percepção do eu (a imagem do seu eu). Em casos clínicos isto pode ser observado quando sintomas, como por exemplo o delírio paranoico, que, ao invés de aparecerem ao paciente como sua própria fantasia em elaboração, aparecem enquanto parte constitutiva da realidade, como uma intrusão em que o paranoico em questão se sente observado ou perseguido.

O mecanismo da formação de sintoma da paranoia requer que a percepção interna, o sentimento, seja substituída por uma percepção externa. Assim, a frase: “Eu o odeio” se transforma, por projeção, nesta outra: “Ele me odeia (me persegue), o que não justifica que eu o odeie”. O sentimento inconsciente impulsor aparece como dedução externa (...) (FREUD, 2010, p.84).¹¹

Žižek usa várias piadas ao longo de sua obra para demonstrar ideias que, em outro meio, seriam consideradas complicadas ou paradoxais. Essas piadas parecem funcionar de maneira similar aos aforismos de Lacan, no sentido de que podem condensar diversas ideias em uma mesma sentença para realizar uma conexão rápida. Uma das piadas mais usadas em seus livros e palestras como exemplo heurístico, demonstra bem esta inversão entre externo e interno discutida acima, parafraseando: Um homem é internado em um hospital psiquiátrico, pois acha que é um pedaço de pão e tem medo constante de que vai ser devorado por galinhas gigantes. Após uma estadia rápida ele recebe alta dos médicos, que o consideram curado. Pouco tempo depois, o homem volta correndo ao hospital, reclamando novamente que as galinhas querem devora-lo. Um médico então lhe diz “Acalme-se homem! Você sabe muito bem que não é um grão de pão e que não tem galinhas do lado de fora querendo devorá-lo” ao que o homem logo responde “eu sei disso, o

¹¹ Mais à frente, no mesmo texto da passagem citada, Freud adiciona uma correção: “Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora.” (FREUD, 2010, p.95).

problema é que as galinhas não sabem” (ŽIŽEK, 2012). Piadas à parte, este exemplo mostra como a imagem do eu, a imagem que o homem projeta de si mesmo, só é realizada a partir de uma posição subjetiva em que ele consegue observar a si mesmo como “um pedaço de pão”, ou seja, a posição subjetiva das “galinhas”, a posição pela qual ele se vê através do Outro. Isto demonstra uma “torção” na medida em que o que é interno (a fantasia das galinhas, um olhar predatório para com algo ou alguém) de repente se torna externo na percepção do homem paranoico, sendo que o que é externo não passa de algo que na verdade surgiu a partir do interno, de forma similar a uma fita de Moebius em que uma mesma superfície configura um lado interior e exterior. Outra lição importante desta piada é a forma como o conteúdo inconsciente se apresenta. O inconsciente aqui não se manifesta através de um segredo profundo, mas se apresenta na própria realidade, como algo que foge totalmente ao controle do sujeito e que é percebido por ele como intruso.

O grande Outro pode muitas vezes parecer um conceito totalizante, dado a alienação constitutiva do sujeito. Porém, Lacan enfatiza que existe um fenômeno secundário, que batizou de separação, em que o sujeito é capaz de perceber uma falha originária no Outro, um hiato que permite ao sujeito ser preenchido por um conteúdo positivo para além de sua alienação. É bem conhecida a ênfase lacaniana no sujeito barrado, dividido, o que não é tão bem conhecido é que o próprio grande Outro também é, em si, barrado. O sujeito consegue perceber, não só como ele mesmo está para sempre separado do seu objeto pela barreira da linguagem (pela sua alienação no significante), mas que o próprio grande Outro está também separado de seu objeto. O sujeito é então capaz de identificar sua própria falha com a do Outro. Em termos clínicos, este processo pode ser considerado correlativo à identificação do paciente com seu sintoma (ŽIŽEK, 2008).

Uma das considerações de Lacan (e que até certo ponto também pode ser localizada em Freud), com relação ao sintoma histérico, é que este é sempre endereçado. O sintoma é uma mensagem cifrada que mostra uma ligação entre a demanda imposta pela cadeia simbólica, pelo grande Outro e, a realidade sexual do sujeito¹². Essa ligação, a mensagem cifrada endereçada e, em última instância sua

¹² A razão do porque esta está ligada à realidade sexual do sujeito se deve pelo fato de que, para Lacan, ‘não há relação sexual’, não existe um significante que represente a relação sexual para o sujeito. Há, portanto, algo na sexualidade que necessariamente resiste à simbolização.

interpretação (sua integração à ordem simbólica, seu “destino”) é o que Lacan chama de desejo. O *sinthoma* representa algo que deu errado na formulação discursiva do sujeito, como um hiato na cadeia simbólica que é preenchido por um gozo (*jouissance*) e, como consequência, ele é a forma de estruturação que organiza a satisfação para o sujeito segundo uma fantasia (ŽIŽEK, 2008). Esta fantasia, por tanto, é justamente o que constitui a realidade, o referido lugar subjetivo pelo qual o sujeito é capaz de se localizar e gozar.

Nos anos finais do ensino de Lacan podemos localizar uma espécie de universalização do sintoma (...) o ‘sintoma’ se torna a resposta final de Lacan para a antiga pergunta filosófica ‘porque existe algo ao invés de nada?’ – este ‘algo’ que ‘é’ ao invés do nada, é de fato o sintoma. (ŽIŽEK, 2008, p. 77).

Esta organização da satisfação do sujeito é, em si, um meio de satisfação (gozo) que só se constitui enquanto velada (por definição alienada no grande Outro), é nesse sentido que Lacan fala sobre *jouissance*, essa palavra significa literalmente ‘satisfação no sentido’. Outra consideração digna de nota, é que a estrutura formada a partir desta organização pressupõe tanto a incompletude no próprio sujeito, que irá procurar seu complemento no grande Outro, quanto uma incompletude no próprio grande Outro. O sintoma é endereçado a um Outro não barrado, consistente que, retroativamente, irá lhe atribuir sua significação, enquanto a fantasia pressupõe um Outro inconsistente, barrado, ela é o que busca preencher a falta presente nesse Outro. (ŽIŽEK, 2008).

É a partir deste raciocínio, segundo Žižek, que Lacan cunha o termo ‘*Sinthoma*’ (um neologismo que junta a palavra sintoma e síntese). O *sinthoma* passa a ser a única coisa que dá substância ao sujeito e, a fantasia, o único meio de se formar uma realidade consistente em volta de um cerne traumático. “Fantasia funciona como ‘significação absoluta’: ela constitui o quadro pelo qual somos capazes de obter uma experiência do mundo como consistente e cheio de sentido- o espaço a priori no qual os efeitos particulares da significação tomam lugar”. (ŽIŽEK, 2008, p.138).

O problema é que uma realidade nunca é completamente consistente em si mesma, existe sempre um ponto que resiste a simbolização. Há sempre um resto traumático, uma exceção, que ao mesmo tempo que não pode ser simbolizado, é a partir dele que se organiza todo edifício estruturante da fantasia (como no caso da luta de classes, em que a incapacidade da sociedade de se tomar como um todo

consistente funciona como força motriz para a criação de fantasias que procuram ‘corrigir’ este antagonismo, determinando os demais conflitos que surgem na história de uma sociedade) e serve como um significante ‘puro’ no sentido de que é um significante de pura diferença, ele representa a incapacidade de representação ao mesmo tempo que é a partir dele que se pode diferenciar entre os demais elementos de significação na cadeia simbólica. Este ‘resto’ traumático tem um nome e lugar muito específicos na teoria lacaniana, ele se chama ‘objeto a’ – objeto causa do desejo.

Um tema que considero especialmente frutífero (por razões que ficarão claras no decorrer desta exposição) para caracterizar e exemplificar o ‘objeto a’, enquanto conceito, é o humor e os chistes. Em seu livro sobre o chiste e sua relação com o inconsciente, Freud descreve um mecanismo econômico curioso por trás do funcionamento das piadas, na maneira como estas são, ao mesmo tempo, algo que subverte e “levanta” a repressão, se utilizando justamente dela para alcançar este objetivo. Segundo Freud, existiria um emprego de energia constante, por parte do aparelho psíquico, que opera sobre a fala consciente social através da repressão, ela censura o que devemos ou não falar no decorrer de uma conversa no meio social, de acordo com o afeto que pretendemos expressar nesta. Parte do que ocorre no mecanismo da piada, é a utilização de uma mudança rápida na cadeia de significação para que este montante de energia acumulada, no decorrer da fala pela repressão, de repente seja desviado de seu objeto, produzindo assim, uma irrupção de prazer.

(...) [O ouvinte da piada] vê esse outro numa situação que leva a esperar que o outro vai gerar sinais de algum afeto; vai se zangar, se queixar, expressar dor, se horrorizar, talvez até se desesperar, e o ouvinte-espectador se acha pronto para acompanhá-lo, para evocar em si os mesmos impulsos emocionais. Mas essa disposição para emocionar-se é fraudada, o outro não exprime nenhum afeto, faz um chiste [uma piada]. Do dispêndio afetivo assim poupado, nasce, no ouvinte, o prazer do humor. (FREUD, 2014, p. 324)

Tomando como exemplo novamente a piada das galinhas, no momento em que o homem fala ‘eu sei disso, o problema é que as galinhas não sabem’, tudo o que foi dito até o momento desta fala (até a mudança do ‘mestre significante’, que determina o sentido do restante da cadeia simbólica) toma um sentido (sofre um desvio) completamente diferente do que poderia ser aferido até então, gerando um produto de satisfação. A piada em si, ainda tem como vantagem, o fato de o seu conflito (sua exceção) e sua resolução (que gera o mais-gozar, o prazer gerado ao final da piada), ser decorrente precisamente da divisão entre o que está ‘dentro’ e o

que está 'fora', entre o que o homem sabe e as galinhas sabem. Esses dois lados aparentam ser opostos, mas se resolvem numa torção, como no circuito interno presente na fita de Moebius. Acerca disto, Žižek escreve a respeito do objeto a:

(...) no objeto a, forma e conteúdo coincidem: o objeto a é o “resto indivisível” que escapa à forma simbólica (...) Quando Lacan descreve os circuitos e as viradas do espaço simbólico por conta das quais sua interioridade se sobrepõe a sua exterioridade (“extimidade”), ele não descreve apenas o lugar estrutural do objeto a (mais-gozar): o mais gozar não é nada mais que essa mesma estrutura, esse “circuito-interior” do espaço simbólico. (ŽIŽEK, 2013, p.374)

O objeto a (ou objeto a minúsculo) possui um lugar especial na álgebra lacaniana. Ele representa “um pedaço do Real”, o Real é uma das três ordens que compõem a vida psíquica do sujeito, na teoria de Lacan, junto com a ordem simbólica e imaginária. Este objeto representa o “mais gozar” produzido pela ordem simbólica quando esta se sobrepõe à ordem do Real durante a alienação do sujeito no significante, a alienação não é total e deixa um resto incapaz de simbolização do Real. Este se torna, retroativamente, o agente que organiza a estrutura subjacente que da ordem simbólica a partir desse “mais gozar”. Como já foi apontado por diversos comentadores, este conceito foi modelado por Lacan a partir da noção de mais-valia de Marx. Para Marx, a última instância no que se refere à determinação do valor de uma mercadoria é o tempo de trabalho envolvido em sua produção, já que permanece como a única medida variável ao longo do processo de produção de mercadorias (enquanto custos materiais da produção, por exemplo, permanecem constantes). A mais-valia é obtida através da apropriação (subtração) pelo capitalista de parte do valor adquirido pelo tempo de trabalho investido em uma mercadoria pelos trabalhadores que a produzem. O capitalista então se utilizará do valor obtido pela mais-valia para, por exemplo, contratar mais trabalhadores, para a extração de mais lucro, assim adquirindo mais capital e estabelecendo um processo circular de valorização a partir da apropriação de excedentes (BOTTMORE, 1983). Ora, não podemos dizer que essa lógica por trás da mais-valia é homologa à que Freud, em 1905, atribui para a explicação econômica do mecanismo de obtenção de prazer na piada? A repressão não ocorre em um único evento que aparece e depois desaparece, mas envolve um esforço constante do aparelho psíquico através do emprego libidinal em afetos. A piada funciona como uma subtração desse esforço constante e resulta numa obtenção repentina de prazer (liberação da libido obstruída pela repressão),

assim reforçando que o mesmo processo se repita (quanto mais se contam piadas umas seguidas das outras, parece ocorrer que ficam cada vez mais engraçadas). Em ambas as situações parece haver uma subtração a um acúmulo (repressão/ tempo de trabalho) em que a diferença obtida (o “desvio” libidinal/ a mais-valia) reforça o processo de acúmulo como um todo, submetendo os sujeitos interpelados por estes processos a uma compulsão a repetição.

Lacan descreve o objeto a nesses termos: como algo que causa uma subtração (um impedimento para que a pulsão atinja seu objetivo, um hiato no espaço simbólico) que sustenta e coloca em movimento o desejo do sujeito por obrigar a pulsão a circular seu alvo ao invés de atingi-lo diretamente (de maneira similar à mais-valia no processo de aquisição de valor, em que, para que o processo de valorização seja colocado em movimento é necessária uma subtração do mesmo pelo portador dos meios de produção). É daí que segue seu outro nome, objeto-causa do desejo. Ele ocupa um lugar paradoxal, em que só pode ser percebido mediante seus efeitos. O corte do Real pelo simbólico produz um resto traumático que ao mesmo tempo que pressupõe uma existência anterior ao simbólico, também é uma consequência inerente deste (como seu produto inerente, mais uma vez similar à mais-valia). Ele é um objeto que se manifesta somente em uma pressuposição lógica, como algo por trás da torção do espaço simbólico do sujeito, mas que, como não obtém nenhuma positividade para além de seus efeitos, é ele mesmo nada mais que essa torção. (ŽIŽEK, 2013)

Negação

“Ele pode parecer um idiota e falar como um idiota, mas não deixe que isso te engane...Ele é realmente um idiota!” - Groucho Marx

Um dos principais argumentos de Žižek para afirmar que uma teoria de Ideologia atualizada é necessária nos tempos atuais, é que, na opinião deste autor, esta se encontra qualitativamente em um estado diferente de operação, em termos de sua forma, do que em tempos passados. Essa forma tem progressivamente avançado e se enraizado na base crítica do que pode ser considerado como uma visão de mundo, que se constrói analogamente com o desenvolvimento do nosso capitalismo tardio. Como já mencionado anteriormente, parece haver uma passagem de ‘eles não sabem o que fazem, mas ainda assim continuam fazendo’ para, ‘eles sabem muito bem o que estão fazendo e ainda sim continuam a fazê-lo’. Existe um mecanismo básico que é compartilhado entre essas duas afirmações, podemos dizer que ambas se referem a um tipo específico de alienação, a diferença entre elas se localiza na negação presente no segundo caso, em que, paradoxalmente, existe um desconhecimento no próprio ato de ‘saber’. Como é possível que haja tal ato de alienação por trás da própria maneira com que se toma conhecimento? Psicanaliticamente falo acredito ser possível dizer que: tomar consciência que fazemos algo de errado ou ‘sintomático’ por tal ou qual razão, é relativamente simples, mais difícil é convencer o inconsciente.

Alenka Zupančič é uma filósofa eslovena e colega de Žižek na universidade de Liubliana, ambos possuem fortes influências de Lacan e seus trabalhos frequentemente influenciam um ao outro (segundo eles mesmos). De forma que, não me pareceu precipitado utilizar alguns dos comentários da filósofa a respeito do Verneinung Freudiano para entender melhor esta passagem na obra de Žižek. Em seu artigo, “Hegel and Freud: Between Aufhebung and Verneinung”, Zupančič (2014) aponta para homologias entre o conceito Freudiano de ‘negação’ (um tipo específico de recalque), apresentado principalmente no texto de 1925 ‘A Negativa’, e o conceito Hegeliano de Aufhebung (o movimento de negação da negação na dialética

hegeliana)¹³. O texto de Freud apresenta brevemente uma forma de recalque em que um conteúdo recalcado pode passar à consciência do analisando com a condição de que este conteúdo esteja acompanhado de uma negativa. O exemplo mais famoso, frequentemente citado a partir do texto é a fala de um dos pacientes de Freud ‘O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe’ e Freud, de forma quase irônica, se tomarmos uma interpretação superficial, replica ‘Então é a mãe dele’. Segundo os apontamentos de Zupančič, o que é interessante neste texto de Freud não é o seu foco no conteúdo recalcado, que o paciente está de fato se referindo à sua mãe (como se o nome ‘mãe’ em si, possuísse alguma significância), ou que o recalcado quando apreendido pela consciência é definido antes pelo que não é, mas sim que a negativa serve como uma marca do recalcado, como um selo que diz “a repressão esteve aqui”.

“ A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. O resultado disso é uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, ao passo que simultaneamente persiste o que é essencial à repressão. ” (FREUD, 2006, p.2). Se é mesmo verdade que algo resiste a ‘aceitação’ para além do reconhecimento do conteúdo recalcado, então segue que há algo da repressão para além do conteúdo recalcado. O que seria então este ‘algo’ a mais, essencial ao recalque, que aparece em exemplos como o citado acima?

A resposta é o que pode ser chamado propriamente de inconsciente (em oposição ao conteúdo latente ou ao pré-consciente), que não é o conteúdo recalcado, mas o processo de repressão que persiste (similar ao sonho, em que o que é propriamente inconsciente não é o conteúdo latente, mas sim o trabalho do sonho). “Sempre que lidamos com um conteúdo inconsciente estamos lidando com o que é constitutivamente inconsciente, ou seja, algo que somente registra na realidade na forma do recalque enquanto recalque (e não como algo que estava ali e logo depois foi reprimido). ” (ZUPANČIČ, 2014, p.483). O conteúdo apreendido através da negação não é somente uma forma de preservar algo, ao mesmo tempo que o negando, ele constitui a própria forma com que o conteúdo recalcado pode ser registrado na realidade. Em outras palavras, o inconsciente pode ser definido como

¹³ A filósofa segue sua exposição de acordo com o comentário de Jean Hyppolite sobre o mesmo texto de Freud.

o processo que ‘causa’ esta divisão entre o conteúdo recalcado e o conteúdo reconhecível (conteúdo que se revela à consciência) em primeiro lugar, ele aparece na realidade enquanto cria formas diferentes de si mesmo. Considero esta afirmação importante na medida em que revela uma determinada visão a respeito dos autores pertencentes a esta nova escola eslovena, a respeito do que “é” o inconsciente. O inconsciente não pode ser determinado ontologicamente (não possui uma essência positiva), nem pode ser definido como algo que está escondido e se revela (como por exemplo, uma memória traumática), ele se registra apenas através de uma descontinuidade na forma do ser, nos hiatos que aparecem no decorrer do discurso do sujeito.

O que chama a atenção de Zupančič em fenômenos como o Verneinung (mas também em outros como por exemplo o déjà vu, ou na formação de memórias falsas), é que o processo de recalque persiste, não apesar do reconhecimento pela consciência do conteúdo recalcado, mas que precisamente parece ser preservado por este, a negativa funciona como forma de integrar o ‘a mais’, essencial à repressão, na realidade “A negação é um substituto para a repressão em seu nível mais alto” (FREUD, 2014, p.127). O que a psicanálise faz não é simplesmente trabalhar com a oposição entre conteúdo manifesto e conteúdo latente, mas sim trabalhar a contradição por meio da qual ambos aparecem em primeiro lugar (ZUPANCIC, 2014).

Isto aponta para uma determinada visão dos autores supracitados, tanto com relação ao papel da análise, quanto da crítica ideológica. Estas não seriam a denúncia de algo escondido ou recalcado (como por exemplo chamar a atenção para o fato que maior parte das roupas vendidas em países de primeiro mundo, são produzidas por trabalho que se aproxima à escravidão. Todos sabemos disso), este tipo de conteúdo pode muito bem ser trazido à tona ou denunciado diversas vezes, no entanto, essa denúncia pode servir apenas para preservar o processo de repressão como um todo, pois apesar dessas denúncias serem registradas em um nível intelectual cognoscível (consciente), elas ainda ficam devendo no nível de registro do grande Outro, nas práticas sociais do dia a dia que estruturam nossa realidade (as roupas compradas se utilizam de trabalho que beira a escravidão, mas ninguém reage a isto, a realidade não muda, é como se o grande Outro soubesse de algo que não sabemos, e que ‘cancela’ este conhecimento). O papel destas práticas (análise e crítica ideológica) é antes identificar um pressuposto comum por trás de tais ‘revelações’ através de sua

repetição, e buscar o que neste pressuposto, produz a divisão que possibilita que algo seja revelado (passado de um plano para outro). Sendo esta divisão (entre estes dois planos), a própria causa do processo de recalque. Junto a isto, segundo a filósofa, também pode-se articular uma diferença fundamental entre a verdade e, um conhecimento denominado como ‘correto’.

De um lado, existe o conhecimento, que embora esteja correto, ele não possui grandes implicações para a análise. Esta é a situação em que podemos trazer a luz plena aceitação intelectual do conteúdo recalcado; mas o processo de repressão, em si, ainda não é removido. E, do outro lado, temos a verdade, que é um conhecimento que ‘aloca espaço’ para a própria negatividade que o produziu. (ZUPANČIČ, 2014, p.488).

Em outras palavras, a verdade não trata de estabelecer o que é ou não factualmente correto, com relação ao conhecimento. Antes, ela trata de reconhecer qual é o critério que ‘aloca espaço’ para o que se pode chamar de correto ou incorreto, assim determinado a própria realidade, se por realidade descrevemos uma posição discursiva, onde fatos podem ser considerados, testados e comprovados. De onde parte então, visto a forte ênfase dos autores abordados no decorrer deste estudo, a noção de verdade? Este algo a mais que se localiza para além da realidade objetiva discutida acima pela filósofa?

No decorrer de seu décimo primeiro seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, Jacques Lacan, discute sobre a diferença entre o que é denominado como a realidade e, o que ele identifica como o Real, o Real do desejo do sujeito, que se manifesta a partir da repetição. Em sua discussão ele retoma o seguinte sonho que aparece em “A interpretação dos sonhos”, de Freud:

Um pai esteve observando a cama de leito de seu filho doente durante dias e noites a fio. Depois da morte de seu filho, ele foi ao quarto ao lado para se deitar, mas deixou a porta aberta para que pudesse ver [do quarto em que se encontrava], o quarto onde o corpo de seu filho estava exposto, com velas altas ao redor. Um homem velho havia sido encarregado de vigiar o corpo, e sentava ao lado deste murmurando preces. Depois de poucas horas de sono, o pai teve um sonho em que seu filho estava de pé, ao lado de sua cama, seu filho o agarrou pelo braço e sussurrou em seu ouvido de maneira repreensiva: ‘Pai, não vês que estou queimando?’. Ele acordou, notou um clarão no quarto ao lado, se apressou a entrar e descobriu que o homem velho havia caído no sono, e que

as ataduras junto com um dos braços do corpo de seu filho querido haviam sido queimadas por uma vela acesa que caíra sobre eles. (FREUD *apud* ŽIŽEK, 2008, p. 28.).¹⁴

Este sonho (que não chegou a Freud por via de registro direto, mas através de um relato de segunda mão), chama a atenção de Lacan por duas razões. A primeira é que Freud toma este sonho como comprovação de sua tese de que todo sonho é a realização de um desejo. A segunda é que o pai acorda apesar do estímulo externo (o clarão produzido pelo fogo) ter sido incorporado em seu sonho, já que isto deveria ter prolongado o sono do pai, ao invés de colocar-lhe um fim. Outra característica interessante por trás desta história, que Lacan apenas aponta de forma passageira, é que a realidade faltosa, e mais importante, sua repetição, ocorre entre os estados onírico e de vigília (o pai vê o filho queimando no sonho para depois encontrar o corpo do mesmo queimando na realidade), e que enquanto o pai acorda o velho continua dormindo (o estímulo externo que teria sido suficiente para acordar o pai, não foi o suficiente para acordar o velho, sendo que este último estava mais perto do fogo e da fumaça).

Diversas interpretações podem ser atribuídas a este sonho e o desejo que ele pretende realizar. Entre elas, pode-se dizer que o sonho é a expressão de culpa do pai, que pôde reparar antes de ir dormir, que o corpo de seu filho estava sob cuidado de um homem que não se encontrava a par da tarefa. No entanto, Lacan concentra sua exposição a respeito do sonho na repetição de ‘uma realidade faltosa’.

O sonho prosseguido, não é ele, essencialmente, se assim posso dizer, a homenagem à realidade faltosa - a realidade que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente, num infinitamente jamais atingido no despertar? (...). Onde está, a realidade, neste acidente? Se não que algo se repete, mais fatal em suma, *por meio da realidade...* (LACAN, 2008, p. 63).

O que sinaliza para Lacan que este sonho é expressão tanto de um desejo quanto o que Freud formularia mais tarde como compulsão à repetição, é o fato de o chamado do filho: ‘Pai, não vêes que estou queimando?’, estar situado em uma conjugação que é para sempre, tarde demais. O pai vai sempre estar impedido de ajudar seu filho e se verifica condenado a uma realidade sempre faltosa (ele se vê em falta de algo mais além que poderia ter feito para ajudar o filho, que nunca fez e nunca vai fazer). Quando ele acorda, vê essa mesma falta presente no sonho se desenhar

¹⁴ Tradução livre do autor

na realidade, mas foi somente no sonho que ele foi capaz de encontrar o caráter infinitivo dessa falta, do que poderia ter sido, mas não foi. Sendo em última instância essa a razão do seu despertar, e não a fumaça ou o clarão produzidos pelo fogo.

Se Freud, maravilhado, vê aqui confirmada a teoria do desejo, isto é mesmo sinal de que o sonho não é apenas uma fantasia preenchendo uma aspiração. (...) Pois não é que no sonho, se sustente que o filho vive ainda [não é que o sonho seja o desejo de preservar o filho vivo]. Mas o filho morto pegando seu pai pelo braço, visão atroz designa um *mais além* que se faz ouvir no sonho. O desejo aí se presentifica pela perda imagada ao ponto mais cruel, do objeto. (LACAN, 2008, p. 63).

O valor desta passagem se encontra em sua inversão da noção que é tipicamente atribuída ao sonho como uma forma de escape da realidade. Apesar da repetição ocorrer primeiro no onírico e novamente na realidade, durante estado de vigília, não se pode dizer que ambas ocorrem de maneira simétrica (que uma pode ser substituída pela outra, que o que ocorre na realidade poderia muito bem ser apenas um sonho). Pois foi somente no sonho que o pai foi capaz de encontrar o Real de seu desejo, em seu caráter de impossibilidade, de mais além, que embora absurdo em termos da realidade objetiva permanece como forte influência sobre o comportamento do pai nessa mesma realidade. O pai dorme para poder se poupar do momento do incêndio que havia pressentido acontecer, ele acorda precisamente no momento em que já é tarde demais para que ele possa fazer algo a respeito, no momento preciso em que ele pode imaginar o que ele poderia ou deveria ter feito a respeito. Momento que só pôde ver a representação, ou melhor, a falta dela, em seu sonho. “A realidade da apreensão do filho ao seu pai, ‘Pai não vê, que estou queimando?’ , que assume de forma implícita a culpa do pai- é mais terrível do que a assim chamada realidade externa em si, e é por isso que ele acorda: para escapar do Real do seu desejo...” (ŽIŽEK, 2008, p.45). Em outras palavras ‘ele sonhou para não despertar’ ao mesmo tempo que também ‘acordou para continuar dormindo’.

O virtual da realidade

Em um filme gravado em 2003 pelo diretor Ben Wright, Žižek articula três noções do 'virtual' com base na tríade lacaniana; simbólico imaginário e real. Pela palavra 'virtual' o autor explica que se refere a algo que não pode ser considerado em sua atualidade (material), mas que ainda sim estrutura a realidade, como se possuísse essa qualidade.

Respectivamente, tomando como foco o primeiro nível: imaginário. O virtual, neste nível, pode ser determinado através da imagem formada durante interações sociais; lidamos com uma imagem idealizada de uma pessoa com a qual interagimos, ignorando que a pessoa à nossa frente está suada, talvez precise ir ao banheiro e uma série de outras contingências que permanecem alienadas desta imagem com que lidamos. O melhor exemplo de tal imagem são páginas de perfil em redes sociais, que de fato apenas imitam este tipo de imagem formada no decorrer da interação social.

No segundo nível: Simbólico. O virtual se refere à virtualidade nas posições simbólicas socialmente atuadas, por exemplo, em figuras de autoridade. Uma autoridade é denominada como tal através de seu próprio posto, e não necessariamente na atuação de sua autoridade. Sua posição, por si só, toma o lugar simbólico que delimita o horizonte de possibilidades de interação que serão registradas pelo grande Outro. Esta instância tem importância considerável na configuração de uma ideologia, pois permite que papéis sociais e até crenças sejam efetivadas na realidade sem que se identifique com elas diretamente (característica que, como discutido anteriormente, é constitutiva de uma ideologia). Isto ocorre através de um mecanismo que Lacan chamava de 'sujeito suposto crer', este mecanismo dita que o registro do grande Outro é capaz de sustentar afetos e até crenças através da suposição de que outros acreditem. Se perguntamos a alguém que vai à igreja regularmente, se este acredita literalmente nas histórias bíblicas, ele provavelmente dirá que não, mas ele não precisa realmente acreditar, pois há sempre um outro crente que supostamente acredita e dá sentido à ida para igreja em primeiro lugar. O mesmo, segundo Žižek, pode ser dito sobre a democracia, ninguém parece acreditar efetivamente na democracia, todos sabemos que o processo democrático é fraudulento, que suas idas e vindas são subjugadas a interesses corporativos e à

corrupção interna, no entanto, em épocas de eleições, todos agimos como se realmente acreditássemos, através da suposição de que 'os outros' acreditam. Isto revela que a crença ainda é muito presente, mesmo nos ciclos mais seculares e progressistas, pois sempre se acredita que alguém acredita.

De um modo estranho, algumas crenças sempre parecem funcionar a uma certa distância: para que ela funcione, precisa haver um fiador supremo dela, algum crente verdadeiro, mas esse fiador é sempre adiado, deslocado, nunca presente em pessoa (...) O sujeito que acredita diretamente não precisa existir em absoluto: basta precisamente pressupor sua existência, acreditar nela, seja na forma da figura fundadora mitológica que não faz parte de nossa realidade, ou na forma do ator impessoal, o agente não especificado: "Dizem que...". (ŽIŽEK, 2010, p. 41)

O terceiro nível é o mais complicado e, também o mais aprofundado pelo autor no decorrer do filme, o Real. A tríade de Lacan não é simplesmente um triângulo, mas um nó. Isto possui como consequência que cada parte (cada linha) do nó é entrelaçado e reflete a si mesmo nas demais partes. Ou seja, quando nos referimos ao Real devemos pensá-lo em todas as suas qualidades reflexivas: Real-imaginário, Real-simbólico e Real-Real. Tomando como base a definição mais simples do que é o Real para Lacan: aquilo que resiste à simbolização. O Real-imaginário pode ser descrito como imagens que são traumáticas demais para serem encaradas diretamente, um exemplo seriam figuras monstruosas em filmes de terror que nunca aparecem completamente (sua monstruosidade é grande demais para ser totalmente representada, no momento em que uma figura computadorizada ou uma pessoa fantasiada aparece na tela, esta dimensão se perde imediatamente). O Real-simbólico, parece ser, à primeira vista, algo paradoxal dado a própria definição utilizada para o Real (incapaz de simbolização) e, portanto, deve ser tomado literalmente segundo este paradoxo. Esta instância aparece quando algo se mostra simbolicamente, porém não é possível atribuir a ela qualquer sentido que não seja contraditório. O exemplo utilizado por Žižek neste nível é a física quântica, ou seja, fórmulas (símbolos) que podem ser empiricamente comprovadas e funcionam matematicamente entre si, mas que não possuem qualquer sentido claro quando comparadas a noções elementares de tempo e espaço (nossa noção destas instâncias na forma como as articulamos na cadeia simbólica). É nessa instância que se encontra o que Žižek refere como essencial, tanto para a noção que emprega do inconsciente, como também à noção de ideologia. Segundo ele, esta instância

representa o que o autor chama de conhecimentos desconhecidos (o que não se sabe que se sabe), conhecimentos que possuímos pois eles estruturam nossas interações sociais, mas que por uma ou outra razão, estes não são imediatamente acessíveis à consciência, e que sustentam neles mesmos uma fantasia. Por esta razão (de não serem diretamente acessíveis à consciência), têm uma posição privilegiada em termos de agência e causalidade. Podemos dizer que estes conhecimentos intervêm na estrutura da realidade e, até certo ponto, nos controlam, não apesar, mas porquê existem como algo que não reconhecemos, dos quais estamos alienados, somos seu agente (no sentido que estes não existem sem ter-nos como agência que os atua), mas eles nos controlam na medida em que não possuímos controle sobre eles. Um exemplo deste tipo de relação de agência e de conhecimentos que parecemos possuir sem saber, pode ser identificado em filmes populares produzidos nos últimos anos que têm como tema, ou como parte do cenário, o futuro. Esses filmes (especialmente os lançados na última década) geralmente envolvem dois tipos de distopia. A primeira, geralmente envolve algum tipo de sacrifício da juventude para garantir a harmonia da convivência social (Jogos Vorazes, 2012). A segunda, envolve algum tipo de modificação (através de manipulação genética ou robótica) dos seres humanos (Blade Runner 2049, 2017). Ambos cenários possuem um conhecimento implícito similar: para sustentar o sistema econômico atual a humanidade terá que se adaptar, ou através de um sacrifício em que gerações futuras viverão sob condições piores do que a passada (sacrifício da juventude), ou será necessário que os próprios seres humanos se adaptem para acompanhar o ritmo acelerado de produtividade exigido pelo sistema, se utilizando de cada vez menos recursos para cada vez mais trabalho (otimização robótica ou genética). Em ambos os casos é o sistema econômico que controla o futuro e não a humanidade e, se algo há de mudar será a humanidade, não o sistema.

Quando se trata do Real-Real, esta instância, como explicitado anteriormente, é a mais complicada e a mais virtual. Para descreve-la Žižek faz referência a um campo magnético, em que, se há uma dispersão de partículas metálicas de determinada polaridade, estas irão tender infinitamente à forma determinada pelo campo; no entanto, esta forma nunca está lá enquanto algo presente. Existe, segundo este autor, uma similaridade entre este exemplo e o que pode ser encontrado na mudança de posição de Freud com relação à teoria do trauma. Inicialmente, Freud

acreditava que a presença ou a memória do evento traumático, em si, provocava uma distorção subsequente do espaço simbólico do analisando. No entanto, através de observações em estudos de caso, Freud notou que muitas vezes essas distorções ocorriam a posteriori. Tomando como exemplo o caso do “Homem dos Lobos”, Freud percebe que a cena primária da visão do coito dos pais não causa grande transtorno ao analisando na época em que se especula que tenha ocorrido (por volta da idade de um ano e meio, Freud inclusive tem dificuldade em determinar se a cena de fato teria ocorrido ou não). É somente quando o analisando realiza suas primeiras investigações sexuais (alguns anos depois) que seus primeiros sintomas começam a se manifestar. Ou seja, não é provável que a cena traumática foi o que causou a distorção no espaço simbólico do homem dos lobos, mas sim que este espaço já era primordialmente distorcido, a cena primária se torna a única maneira com que o paciente consegue representar esta distorção em seu campo simbólico.

O filósofo esloveno então parte para um exemplo de como esta noção do Real-Real, pode ser utilizada em termos da crítica ideológica, adotando o exemplo do antissemitismo nazista. A figura do judeu surge no imaginário antissemita na medida em que se torna necessário lidar com uma distorção formal na textura da organização social: desigualdade econômica, falta de recursos públicos, taxas decrescentes de crescimento econômico. O nazista necessita da figura do judeu para se deparar com antagonismo social (de forma similar à cena primária no Homem dos Lobos). De maneira similar ao trauma, não é que o judeu vem preencher um espaço vazio deixado por uma distorção espacial primordial, mas antes que de uma maneira fetichista, para o nazista, esta distorção em si é encarnada na figura do judeu. O mesmo pode ser dito com relação a um termo que causa alguma confusão no campo das ciências humanas, a modernidade. Muitos autores abandonaram a noção de modernidade em seu sentido europeu clássico, em favor de um modelo particular, levando em conta as devidas particularidades étnicas, culturais e econômicas de cada país, ao invés de um modelo universal. Embora muitos desses autores estejam certos em enfatizar que o que de fato existe são essas modernidades particulares (não há como transpor modelos europeus para particularidades diversas daquelas em que estes foram originalmente constituídos, para a América Latina, para países orientais etc...), não é aí que o conceito de modernidade deve ser localizado, ele não existe enquanto substância que pode ser empiricamente verificável, o projeto da modernidade (assim

como o Real, enquanto virtual) deve ser localizado em um nível de forma sem conteúdo, ela é uma distorção formal implícita (trauma), uma diferença 'pura' sobre a qual todas as formas efetivas e particulares da modernidade podem se localizar ulteriormente.

O recurso à multiplicidade (“não há uma modernidade única com essência fixa, há modernidades múltiplas, cada uma delas irreduzível às outras...”) é falso, não por não reconhecer uma “essência” fixa única da modernidade, mas porque a multiplicação funciona aqui como degeneração do antagonismo que pertence à noção de modernidade como tal(...). Na medida em que esse antagonismo possui uma dimensão “castradora”- e na medida em que, segundo Freud, a renegação da castração é representada como multiplicação das representações do falo (um sem-número de falos sinaliza a castração, a falta do um)- é fácil conceber tal multiplicação de modernidades como uma forma de renegação fetichista. (ŽIŽEK, 2013, p. 470).

Considerações finais

Gostaria de concluir o presente trabalho com uma sintetização dos principais aspectos supracitados da crítica Ideológica de Žižek, na melhor maneira com que fui capaz de compreendê-los. Utilizarei também um exemplo e uma perspectiva recorrente da história do Brasil para articular, na medida do possível, um diálogo (por mais modesto que este seja) entre a tradição de crítica ideológica brasileira e os conceitos que foram trabalhados aqui.

Mas antes gostaria de realizar uma retomada do que identifiquei, como os principais temas abordados até agora. Segundo Žižek, deve ser considerado como ideologia aquilo que obstrui, que nos afasta de um determinado antagonismo. Ideologia não deve ser pensada como algo em oposição à realidade (como algo que mascara ou que nos impede de ver claramente à realidade como ela é), ela é antes algo que é criado a partir da própria realidade (por exemplo, através da relação entre fetichismos que podem muito bem ser referidos a realidade como ela é). Isto implica em uma diferenciação entre o que é factualmente correto e o que é “verdadeiro”, já que a mera referência à realidade se mostra insuficiente. Enquanto o que é factualmente correto se reduz simplesmente ao que pode ser empiricamente comprovável (através de descrições e correlações fortes com a realidade, que podem muito bem ser realizadas segundo pressupostos fetichistas), o que se pode chamar de verdadeiro é antes aquilo que aloca espaço para esta visão, que pode ser, posteriormente, atestada e comprovada em primeiro lugar. A ideia então, é que a Ideologia funciona de forma similar à construção da fantasia e do sintoma no neurótico, em ambas as situações temos uma construção ideativa (a realidade como ela é, a construção de um fetichismo/ a fantasia no neurótico) que atua no sentido de afastar o sujeito de um impasse real (um antagonismo social/ o trauma) que não possui uma existência positiva na realidade mas existe enquanto séries de não-relações. Isto implica na criação de um objeto fetichista ‘sintomático’ que representa a própria impossibilidade de um dado edifício ideológico, incluído neste edifício (como no caso da figura do judeu dentro do edifício ideológico antissemita, através do processo de projeção). Estas construções ideativas não são algo que pode ser simplesmente atribuído a esta ou aquela posição ou programação política específica, antes elas atuam na forma de pressuposições encobertas pelas quais a sociedade atua a própria realidade. A análise de tais construções ideológicas, portanto, muitas

vezes revela que o que parecem ser duas visões opostas de um conflito “político” são muitas vezes os dois lados de uma mesma moeda (ou melhor, os dois lados de uma fita de Moebius, com um interior e exterior que partilham de uma mesma superfície através de uma torção, e o fim de um dos seus lados se torna o começo do outro).

Outro aspecto importante de salientar sobre o que é essencial à ideologia para Žižek, é o mecanismo supracitado que ele atribuiu universalmente à formação ideológica, em si, baseado na alienação constitutiva do sujeito pelo significante, no grande Outro, elaborada por Lacan. Este mecanismo é a necessidade da suposição de uma suposição (‘ideologia é sempre ideologia de uma ideologia’), que opera a torção característica de uma ideologia, para a identificação por parte do sujeito, consigo mesmo e com a realidade circundante. Vale retomar aqui um dos exemplos oferecidos previamente, a respeito da crença: a crença ideológica contemporânea funciona mais através de práticas culturais do que com respeito ao seu conteúdo ideativo. É de veras raro que alguém se diga crente para com textos sagrados em um sentido literal, mas o que existe de fato, é a crença (tão forte quanto a do tipo direto) de que exista alguém que acredita realmente, e que se manifesta na realização de práticas religiosas. Esse processo de construção do sintoma em seu conteúdo ideativo por parte do sujeito (com a fantasia/ a realidade) é, em si, permeado de um ganho de satisfação (gozo)¹⁵, gerado pela torção ideológica mesma. Este mais-gozar ideológico toma corpo na álgebra lacaniana sob o nome do objeto a minúsculo (objeto causa do desejo) e é o que Žižek chama de o objeto sublime da ideologia.

No final da segunda seção de seu livro “Eles não sabem o que fazem: o objeto sublime da ideologia”, Žižek qualifica, dentro dos seguintes parâmetros, a maneira como acredita que deve-se realizar a crítica ideológica: em um primeiro nível discursivo: identificar um caráter ‘sintomático’ que caracteriza um dado discurso através de ‘pontos nodais’ que garantem a consistência na relação entre significantes em um dado edifício ideológico. O segundo passo, consiste em extrair a origem do gozo produzido através do processo ideológico, na maneira em que “uma ideologia implica, manipula e produz um prazer pré-ideológico estruturado pela fantasia” (ŽIŽEK, 2008, p.140). E o último passo, seria detectar aonde em um dado edifício

¹⁵ Traduzido do inglês: enjoyment.

ideológico, é possível localizar um elemento que representa a própria impossibilidade deste edifício. (ŽIŽEK, 2008).

Admito que uma explicação apropriada de cada um destes passos, assim como suas justificativas teóricas, necessita um estudo mais aprofundado do que pôde ser realizado no decorrer desta tese, guardadas as devidas proporções de uma tese de conclusão de curso realizada por um estudante de graduação. Além disso, há ainda a dificuldade em localizar exatamente por onde pesquisar as tais justificativas teóricas na extensa obra do autor, levando em conta que ainda não há uma boa quantidade de comentários ou pesquisas realizadas de maneira formal acerca de seu trabalho. No entanto, espero que o que foi trabalhado até aqui, possa ser de alguma utilidade para o leitor na compreensão de obras e autores desta nova escola eslovena e da influência que a psicanálise lacaniana exerce sobre ela, assim como a problemática e a necessidade, enfatizada pela mesma, da formulação por trás do conceito da ideologia.

Por fim, se é que posso sintetizar a operação Žižekiana de crítica ideológica, baseado em sua repetição ao longo de minhas leituras, e da maneira como eu mesmo a caracterizei, eu a faria da seguinte maneira: primeiro, temos a identificação de um impasse através de sua repetição em discussões e análises sobre determinado problema. Logo se vê que o dito impasse 'sintomático' implica em uma divisão pressuposta encoberta, dando lugar ao problema original junto com suas respectivas respostas, discussões e divisões. Segue que esta divisão mesma é falsa e é ela mesma a causa do problema, de forma que, o que parecia inicialmente como um impasse se torna sua própria solução.

Eusébio de Queiróz, o ministro da Justiça que comandou a liquidação do tráfico [escravocrata] em 1850, depois de o haver protegido por muitos anos como chefe da polícia do Rio de Janeiro, explica-se a respeito no parlamento, em 1852. Sejamos francos: o tráfico, no Brasil, prendia-se a interesses, ou para melhor dizer, a *presumidos* interesses dos nossos agricultores; e num país em que a agricultura tem tamanha força, era natural que a opinião pública se manifestasse em favor do tráfico [...] O que há, pois, para admirar que nossos homens políticos se curvassem à essa lei da necessidade? Senhores, se isso fosse crime, seria um crime geral no Brasil; mas eu sustento que, quando em uma nação todos os partidos ocupam o poder, quando todos os seus homens políticos têm sido chamados a exercê-lo, e todos eles são concordes em uma conduta, é preciso que essa

conduta seja apoiada em razões muito fortes; impossível que ela seja tida como um crime e haveria temeridade em chama-la um erro. (NABUCO *apud* SCHWARZ, 2000, p.121).

Tendo em vista a sintetização anterior, peço atenção para o que é falado nesta citação do ministro da justiça em 1852. Nela encontramos, de maneira inquietante, alguns dos aspectos previamente apontados no que diz respeito à ideologia. Em primeiro lugar, o ministro faz questão de salientar, que sua posição prévia (a favor do tráfico de escravos) não se tratava de sua posição pessoal, nem de ninguém objetivamente falando, e sim de “presumidos interesses”, ele diz que se presume (supõe) um interesse da classe dominante da época, sem nomear ninguém em específico, e faz questão de ressaltar que, segundo esta suposição, “era natural que a opinião pública seguisse”. Ele discorre ainda, sobre como não poderia ser um crime, dado que ambos os partidos (liberal e conservador) compactuaram com o que, em última instância, se fazia na prática. Em outras palavras, segundo Queiróz, ninguém em específico era a favor do tráfico, mas todos mantinham a suposição de que alguém (nesse caso, os agricultores) fosse a favor. Por que? Porque ele era praticado.

Esta citação do ministro da Justiça, provém do celebre livro de Roberto Schwarz “Um mestre na periferia do capitalismo”, que, junto com seu livro “Ao vencedor as batatas”, compõem (salvo o engano) algumas das contribuições mais significativas com respeito a crítica ideológica, publicadas no Brasil. A tese, de ambos os livros, pode ser resumida da seguinte maneira: as ideias europeias, trazidas ao Brasil através de intelectuais de classe alta que estudavam na Europa para depois retornar ao Brasil com as ideias fora do lugar, funcionavam efetivamente como ideologia (no sentido de um encobrimento de um antagonismo real). O autor desenvolve esta tese através de exemplos da literatura romântica e realista brasileira. Segundo Schwarz, ideias liberais vindas de fora do país, muitas vezes serviam como justificativa para a efetivação de modos de exploração que não pertenciam ainda a um contexto que se poderia chamar propriamente de capitalista, mas antes, eram baseadas em uma relação de favor em que aqueles que não eram escravizados se encontravam na condição de agregados aos que possuíam terras e patrimônio.

(...) adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente “objetiva”, para o momento de arbítrio que é da natureza do favor (...) De ideologia que havia sido- isto é, engano involuntário e bem fundado nas aparências- o liberalismo passa, na falta de outro termo, a penhor intencional de uma variedade de prestígios com que nada tem a ver. (SCHWARZ, 2012, p.18).

Gostaria de apontar algumas similaridades e divergências entre as duas perspectivas a respeito do tema de ideologia (respectivamente a de Schwarz e a de Žižek), na tentativa de estabelecer alguma espécie de diálogo entre as duas e descobrir se, de alguma maneira, pode-se encontrar aspectos em que uma complementa a outra.

A principal similaridade entre ambas as perspectivas, ao meu ver, é a identificação de um excesso ‘sintomático’, que, longe de ser um epifenômeno ao processo de simbolização da realidade, é antes apontado como parte intrínseca do funcionamento deste processo. Neste caso, podemos conferir o lugar de ‘sintoma’ ao estranhamento sistemático apontado por Schwarz nas tentativas do romantismo e do realismo em representar uma identidade brasileira consistente com a realidade em que se encontravam, dada a transposição de ideias europeias (especialmente do liberalismo) para a explicação e crítica de fenômenos brasileiros, que se mostram completamente disparatadas quando comparadas à realidade nacional. Segundo Schwarz, este ‘excesso’ não só aponta para um mero defeito na confecção de uma identidade nacional, mas seria antes a mais pura essência dessa identidade (SCHWARZ, 2012).¹⁶

A principal diferença entre as perspectivas me parece ser que o foco de Schwartz está no quanto um dado discurso pode funcionar enquanto ideologia apesar de seu completo afastamento da realidade, enquanto que o de Žižek se concentra em fundamentar como a ideologia é frequentemente justificada com base na própria realidade. Aqui, em minha visão, o que parece ser uma diferença pode também ser exatamente o ponto de complementariedade entre as duas perspectivas. Schwarz nunca entra no mérito de tentar explicar o funcionamento do processo de formação ideológica, meramente aponta que num nível discursivo ele pode muito bem se encontrar em oposição à realidade. Žižek adiciona que não só ele pode se opor à realidade, mas que essa oposição mesma pode ser ‘levada em conta’ em antecedência pelo processo ideológico: “fantasia é um meio para que uma ideologia leve em conta sua própria falha em antecedência”(ŽIŽEK, 2008, p.142). Como um exemplo podemos pensar na famosa expressão “lei pra inglês ver”, se pensarmos o contexto histórico da origem dessa frase (uma admissão cínica de que as primeiras

¹⁶ Ainda segundo Schwarz, o primeiro autor a identificar este impasse formal foi, é claro, Machado de Assis, em seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” .

leis que colocavam restrições ao tráfico de escravos não deveriam ser levadas a sério pois eram apenas fiscalizadas por embarcações inglesas), podemos ver claramente como um discurso deve ser tomado pelo oposto do seu conteúdo explícito (mesmo aqueles encarregados de aplicar a lei sabiam implicitamente, que isto era impossível). O conteúdo da fantasia segundo Žižek, pode ser localizado precisamente neste lado implícito discursivo, no que se encontra declarado de forma invertida. Seria mais interessante, talvez, examinar não só o fato de a posição discursiva da ideologia brasileira se encontrar, ao longo da história, em oposição direta com relação a sua própria realidade, mas também que tipo de fantasia sustentaria uma posição discursiva que 'sabe' e leva em conta essa distância com a realidade, se utilizando dela como motriz.

Referências:

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento Marxista, primeira edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos, tradução Walderedo Ismael de Oliveira, Rio de Janeiro: Imago, 2001. Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1925, página 490.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos 1918 [1914], São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. Primeira edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913], São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, com comentários e notas de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. Página 44.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Vigésima quarta edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Página 187.

LACAN, Jacques. Escritos, tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, segunda edição, tradução M.D. Magno, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARX, Karl. Capital volume 1, Harmondsworth : Penguin ,1976, página 168. Tradução livre.

MARX, Karl. O capital: livro 1, São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NAGEL; NEWMAN. A prova de Godel, segunda edição, São Paulo: Perspectiva, 2001.

SCHWARZ, ROBERTO. Ao vencedor as batatas. Sexta edição. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SCHWARZ, ROBERTO. Um mestre na periferia do capitalismo. Quarta edição. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

ZUPANČIČ, Alenka. Hegel and Freud: Between Aufhebung and Verneinung, Liubliana: Filozofski Vestnik, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. Mapping Ideology. Londres: Verso, 1994 páginas: 5,6,7, 12,13,14. Tradução livre do autor.

ŽIŽEK, Slavoj. The sublime object of ideology, segunda edição, Londres: Verso, 2008. Tradução livre do autor.

ŽIŽEK, Slavoj. Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético, primeira edição, São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan, primeira edição Brasileira, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Dados biográficos podem ser referidos à página do autor no site de uma de suas instituições de ensino, a European graduate school na seção de Filosofia e pensamento crítico, escrita por Srdjan Cvjeticanin (dado de 2018). Segue o link: <http://egs.edu/faculty/slavoj-zizek>

Referências em imagem e movimento:

The Ignorance Of Chicken: palestra filmada na universidade de Princeton nos EUA em 10/10/05, com duração de 2h e 18min. Segue no link o acesso pela plataforma Youtube do vídeo completo legendado do inglês para o português, publicado em 16/04/2011 (dado de 24/05/2019) : <https://www.youtube.com/watch?v=LBvASueefk4&t=13s>

Slavoj Zizek: The Reality of the Virtual: palestra/documentário lançado em 2004 por direção de Ben Wright com duração de 1h e 14min, legendado do inglês para o português. Segue no link acessado pela plataforma do Youtube o vídeo do documentário completo publicado em 20n de agosto de 2012 (dado de 24/05/2019): <https://www.youtube.com/watch?v=RnTQhIRcrno>.